Estante – o Banco de Textos da CBJE
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
www.camarabrasileira.com e www.camarabrasileira.com.br
Data: abril de 2015

Autor: Isabel Cristina Silva Vargas

Isabel Cristina Silva Vargas - Professora, advogada, jornalista, aposentada do serviço público, Especialista em Linguagens, escritora (contos, crônicas, poesia). Participante de cerca de três centenas de livros, além de revistas literárias impressas e mais de quatrocentas publicações no Diário da Manhã – Pelotas - RS. Participa de vários sites no Brasil e em Portugal além de participar do Varal do Brasil. Várias premiações entre elas a publicação de livro solo Pedaços de Mim. E-book Orvalho da Alma e o mais recente Sentimentos. Publicação de livro solo nº 23 da Coleção Acadêmicos Honorários da ALLB-RJ. Membro dos Poetas Del Mundo, da AVSPE, dos Confrades da Poesia, do Portal CEN, do Portal FENIX, da BVEC, do Portal UHE, da Associação Internacional de Poetas, Embaixadora do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, Acadêmica Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni – ALTO, Acadêmica Correspondente da ALAF, Acadêmica Honorária do 1º Colegiado de Escritores Brasileiros, da Literária Academia Lima Barreto-RJ tendo sido conferido o Diploma de Distinção Literária e Membro Emérito, Acadêmica correspondente da Academia de Letras do Brasil, Seção/Bahia, Membro da AGES - Associação Gaúcha de Escritores, Organizadora da Antologia Despertar

Email de contato - icsvargas3@gmail.com

http://www.isabelcsvargas.blogspot.com.br/

http://isabelcsv3.blogspot.com.br/

https://www.facebook.com/isabel.vargas.79

"Revisão do autor"
Abril 2015

CICLOS

O funcionamento de todo ser em desenvolvimento, a princípio, parece ser o mesmo. Crescer, descobrir o mundo, deixar-se descobrir pelos outros, experimentar possibilidades, encantar-se com as descobertas que abrem inúmeras possibilidades, mas que ao mesmo tempo, excluem outras, Não deveria ser assim, pois o sol não exclui a lua nem as estrelas. O dia não exclui a noite e ambos aceitam a chuva e os ventos, fugindo da rotina e aceitando as mudanças que com eles advêm.

Generosamente, compartilham espaços, olhares, encantamentos daqueles que tem olhos de ver, coração à flor da pele e alma cigana que é capaz de estar em todo lugar, que não tem território próprio porque todo território é seu.

É possível crescer em várias direções; para o alto buscando o céu, para o lado espalhando galhos que são braços, que protegem e abraçam de maneira carinhosa e acolhedora, para baixo fincando fortes raízes que se firmam dando suporte a tudo aquilo que está acima da terra e abaixo do céu (ou além dele), à vista dos olhos, ao alcance do olfato apurado capaz de distinguir cheiro de chuva molhada, de fruto maduro, de flor desabrochando; ouvidos afinados que ouvem o canto do sabiá, do bem-te-vi e do beija-flor que plana no ar, leve como os pensamentos inocentes e puros das crianças.

Toda a existência cresceu dentro daquilo que era esperado, proporcionando segurança, proteção, aconchego, alegria e sombra sob a qual repousaram corpos cansados e mentes sonhadoras que ali, a seus pés, arquitetaram idéias, sonhos que ganharam o mundo em cada tentativa desafiadora ou conquista obtida.

Teve espinhos que cutucaram (é para isto que servem, para desinquietarem, despertarem) cumprindo seu papel, mas também teve em si anjos que abençoaram, braços e abraços repletos de ternura e de alegria com os balanços das crianças que sustentou fortemente.

Apesar de não ser mais criança, alimentou a dúvida e o questionamento que é a mola propulsora de quem não se conforma com as frases feitas, os cenários estanques, os sentimentos enquadrados em moldes pré-determinados e com o futuro sendo resultado de uma imutável operação matemática.

A experimentação, o desafio do novo significa a janela que mostra novos horizontes e o caminho para experimentar novos modos de vida, que poderão até não se constituírem naquilo que é esperado, ou no vislumbrado, mas que servirão para mostrar o que vale a pena. Nesta etapa do percurso surgem as dúvidas, as incertezas, face à internalização dos conceitos que constituíram o sujeito e a vontade de arriscar-se para descobrir novos ensinamentos, novas finalidades, não ignorando durante a trajetória a presença constante de um superego controlador ou a culpa por abandonar velhos paradigmas que representam ensinamentos aprendidos como dogmas, mas que nos dias de hoje já não possuem o mesmo significado.

É necessário ter o olhar bem mais além da linha do horizonte, querendo sempre transpor barreiras, desafiando o já dito e questionando o costume, a norma, o construído, o sentido (nas entrelinhas, no visível e no não dito, em outros dizeres que permeiam o caminho e que podem se constituir em novos saberes) criando novos desafios e novos espaços de experimentação. Este percurso pode mostrar o medo, instalar a dúvida do caminho a ser trilhado, desejando retornar a territórios conhecidos, identificados que apresentam características de normalidade, de estabilidade, de segurança, numa total contradição entre a segurança do conhecido e as inúmeras perspectivas do inexplorado.

Nesta trajetória-espaço, tempo - de ser e não ser, de subir e chegar às nuvens ao mesmo tempo em que aprofunda raízes, de crescer e se deixar podar, de viver e de morrer, de ser árvore frondosa ou rio que corre e não deita raízes, é capaz de (mesmo com o coração partido, a seiva a sangrar) deixar-se cortar, para em cada labareda da chama da vida ou do fogo ardente e gélido da morte que acompanha o homem por toda a eternidade, esquentar os corações, virar fumaça que sobe para voltar em gotas de chuva que regam as sementes que tornarão a brotar num ciclo interminável de vida, doação, morte e renascimento.

Enquanto isto, outro tipo de raiz, não aquela plantada no solo, mas a que é plantada no coração daqueles que servimos permanece viva, nutrindo o espírito que se eleva por entre as nuvens, que é possível ver de outra dimensão.

LAÇOS DE FAMÍLIA

Minhas recordações de infância incluem muitos tios, primos e união familiar. Era costume de minha família materna fazer constantes visitas, incluindo café da tarde, com muitas risadas, conversas sobre os mais variados assuntos como atualização sobre as andanças de cada parente de minha mãe que também tinha muitos primos.

Crescemos, constituímos nossas famílias, muitos mudaram por exigências profissionais, outros já se foram precocemente e os que aqui permanecem, infelizmente, têm como data certa de se encontro os momentos fúnebres e, às

vezes, nem isto. Embora lamente profundamente a situação não me eximo da parte que me cabe na culpa.
Na família de meu marido a situação não é diferente. Como não se vive só, fazemos dos amigos nossos parentes mais próximos. Passamos até dezenas de anos sem nos vermos, sem ao menos saber se ainda estão vivos.

Na semana que passou tivemos um momento gratificante. Íamos passar uns dias fora com nossa neta. Como na cidade que íamos meu marido tem uns tios pelo lado paterno que não via desde os anos 90, separou uma série de fotos para levar. Assim que estivéssemos devidamente instalados iríamos procurá-los, embora, confesso, imaginávamos que poderíamos ter alguma surpresa desagradável pela idade avançada e pela falta de notícias. Foi o que fizemos. Pois a situação encontrada foi além das expectativas, o que sem dúvidas, nos deixou muito contente.
Encontramos na paz e aconchego do seu lar, o mesmo de tantos anos, uma simpática, agradável, tranquila e muito saudável dupla de idosos de 90 anos com recém completados 70 anos de matrimônio em meio aos dez filhos, duas dezenas de netos e outros tantos bisnetos, todos com direito a foto no quadro orgulhosamente pendurado na parede da sala. Junto a eles, um dos filhos, que diariamente os visita, o mesmo lá encontrado na visita de mais de 15 anos atrás. Embora aposentado de um trabalho que o mantinha sempre perto do céu, do sol, da lua e das estrelas, nos mais distantes e inusitados lugares, agora se dedica a construir sólidas bases para quem vive preso a terra, como a maioria dos mortais, além é claro de cuidar das sólidas raízes que lhe deram sustentação ao longo da vida.
Foi um encontro renovador de bons sentimentos, boas recordações, momentos alegres que o tempo que tornou seus cabelos brancos como a neve não foi capaz de apagar. Perdas que poderiam tê-los deixados amargurados reforçaram mais os laços que os unem, tornando-os fortes, otimistas mesmo com as limitações inevitáveis da idade, leves o bastante para se deixarem carregar pelos filhos a quem tanto carregaram na infância e humanos e simples a ponto de continuarem se enternecendo com as brincadeiras e o carinho do pequeno cão que agora se juntou ao outro mais velho.
Nosso encontro se completou em mais três horas de convívio com filhos e noras em outro dia, no qual a alegria, a descontração, bom humor gentilezas, além de promessas de notícias se reafirmaram.
O que lamentamos? Não termos mais nossos idosos para relatar os acontecimentos.
Percebemos, então, que os próximos idosos seremos nós, se assim Deus o permitir.

O QUE FAZ A DIFERENÇA

Tenho descoberto coisas em meu dia a dia que são motivos de muita alegria para mim. Primeiro não descartar coisas novas de imediato, dizendo aquele célebre "nunca" e afastando assim qualquer possibilidade de uma tentativa. O

novo, geralmente, assusta. O medo de sair de uma situação que dominamos para uma incerta,que não sabemos se seremos bem sucedidos ou não faz com que muitas vezes desistamos de um empreendimento.Boicotamos nossas próprias tentativas,como muitas vezes boicotamos nossa própria felicidade,por puro medo de ser feliz.Pois descobri que enfrentar estes desafios é muito instigante.
Estabelecer novas metas, atingi-las e superá-las é algo que nos revigora. Conhecer os próprios limites e superá-los com muito esforço e dedicação é uma sensação maravilhosa. Esta sensação de bem estar acaba repercutindo positivamente em tudo à nossa volta. Se estivermos bem, se nos sentirmos felizes, irradiaremos esta felicidade. Repartimos energia positiva. É um processo que se realimenta.
Conseguimos ver as contrariedades com mais flexibilidade, menos intransigência e mais tolerância.
A sabedoria nos leva a compreender que ninguém está livre de dissabores, frustrações, decepções. Podemos é encará-los sob outro prisma e ver sempre o lado bom que existe nas coisas, criar novas perspectivas a partir do aprendizado.
É importante não perder o sentido da vida, mesmo nos momentos de tristeza, mesmo quando tudo parece conturbado, confuso ou ruim. É necessário pensar positivo, pois sempre poderia ser pior.
A vida se faz a cada momento, a cada dia vivido com intensidade de sentimento, com criatividade, inventando novas possibilidades de renovação, transformação, de trocas de crescimento.
São os sentimentos autênticos que dão sentido e razão à nossa vida. Eles nos fazem vibrar, sentir o sopro divino a nos animar e fazer crer que tudo sempre vale à pena.

Os sentimentos devem ser cultivados e aprimorados no prazer do encontro consigo mesmo, com a família, com os amigos.

É importante estar atento ao que nos circunda para percebermos o quanto de belo existe. Só quem está disposto a viver valorizando o que realmente importa, levando em conta a afetividade, os sentimentos, a harmonização pessoal, a harmonização dos ambientes e das relações, despojando-se do excesso de coisas materiais, consegue levar a vida com menos preocupação, pois o mais importante está relacionado ao ser.

Para perceber a beleza, a magia, o encantamento e a leveza do vôo e do toque de um beija-flor, não são necessários bens materiais apenas visão e sensibilidade.

É uma atitude, uma predisposição interior para ser: alegre, autêntico, saudável, amigo, companheiro, solidário, generoso, verdadeiro e sobretudo feliz.

São sentimentos e atitudes que têm de ser renovadas no dia a dia, num exercício contínuo de paciência, buscando com isto ser melhor, proporcionar o melhor culminando em harmonia e paz.

COMENTANDO GIKOVATE

Flávio Gikovate é psicanalista com vários livros escritos sobre amor, liberdade, solidão e a busca da felicidade.

Chamou-me a atenção a colocação feita pelo autor de que o ser humano vive uma sensação de plenitude no útero materno. É um estado perfeito, harmonioso, de plena satisfação, de aconchego, rompido com o nascimento.

Quando ainda bebê, esta sensação se repete por ocasião da amamentação, pela proximidade com a mãe, no momento que recebe o leite materno. É uma sensação de paz, confortável que passa a ser associada ao alimento. Já a sensação de desamparo se reflete como sensação de "buraco no estômago". Segundo o autor, ao longo da vida, em sua busca amorosa, o indivíduo procura reproduzir esta sensação de plenitude, de aconchego anteriormente vivida. Quando cresce a sensação de desamparo, cresce o vazio no estômago o que leva o indivíduo a comer para atenuar esta sensação.

Os desequilíbrios amorosos tenderão a serem críticos no que se refere ao processo alimentar. Aumenta o desconforto, aumenta a ingestão de alimentos.

Em seu livro, que trata da obesidade, ele fala que o gordo, geralmente sente-se rejeitado, tem baixa auto-estima. Isto pode levar à depressão, que tende a se agravar nas dietas, com a privação e pelo sentimento de derrota, quando não obtém sucesso na empreitada de emagrecer. A privação aumenta o apetite.

De forma detalhada e interessante ele aborda em seu livro os elementos psíquicos que fazem parte do processo que conduz o indivíduo à obesidade e os fatores que a perpetuam.

As causas psíquicas uma vez detectadas devem ser trabalhadas em âmbito profissional, nos consultórios de psicoterapia, com o auxílio também da família, de amigos desde que estes estejam dispostos a compreender, auxiliar, sem julgar.

Associadas às causas psíquicas, também as genéticas, comportamentais, como hábitos alimentares, sedentarismo levam à obesidade, de modo que uma causa pode acabar reforçando outras.

É preciso romper com o círculo vicioso, para sair deste processo, quebrar velhos condicionamentos, buscar novos caminhos, mudar.

Para mudar é preciso coragem, para suplantar medos, insegurança, incerteza.

A experiência quando bem sucedida, produz sentimentos bons, contentamento, autoestima.

Quando nos dispomos a mudar, isto significa alterar padrões até então vividos e que levaram a este processo. Significa mudar internamente, mudar comportamentos, hábitos, buscar novas aprendizagens, não para sermos o que éramos antes, porque o tempo passa e não podemos recuperar o que passou, o que perdemos, o que deixamos passar ou que não soubemos como passar. Temos que mudar para sermos melhores para o futuro,para enfrentá-lo com mais segurança,confiança e mais sabedoria.

ATÉ AS FÁBULAS MUDARAM

As fábulas são histórias que misturam animais e seres humanos. Aos animais são atribuídas características ou ações típicas dos humanos, como falar, cantar, trabalhar. Geralmente, através delas se percebem críticas aos valores da sociedade em uma determinada época. Vislumbram-se também aspectos psicológicos nas mesmas. Parecem, a princípio, inocentes histórias para entreter e distrair crianças, mas ao analisá-las descobrimos o seu real conteúdo ou o significado contido em seu discurso.

Creio que ninguém desconhece a fábula do sapo que vira príncipe. Na verdade, do príncipe que por maldade de uma bruxa foi transformado em sapo. Com o beijo da moça que o encontra e que se comove com a sua situação e o beija ele volta à sua situação normal. Ambos casam e são felizes para sempre. Observa-se aí a importância atribuída ao casamento e o sacrifício que as mulheres seriam capazes de fazer para casar. Para isto as mulheres eram preparadas. O casamento aparece como sinônimo ou garantia de felicidade eterna e realização.

A fábula que circula pela internet apresenta-se de modo diferente.

O sapo é colocado como um professor e não um príncipe como nas versões mais antigas.

O desfecho inusitado é que me levou a escrever, pois reflete bem a realidade atual.

A moça pega o sapo, coloca-o na bolsa. Ele espera ansioso pelo beijo que o libertaria do maléfico feitiço. Ao inquirir a moça sobre o porquê da demora ela responde:

_Pensei melhor. É mais lucrativo um sapo falante do que um marido professor.

Quantos significados podemos perceber nesta resposta que a princípio parece muito hilária.

Dá para perceber a menor importância atribuída ao casamento, a valorização do lucro, do aspecto financeiro em detrimento das relações afetivas ou pessoais e da pouca valorização atribuída ao professor como profissional, hoje com salários defasados, tendo que se submeter a uma carga excessiva de trabalho para sobreviver, isto quando encontra trabalho na sua área de atividade, pois são inúmeros os casos de professores trabalhando nas mais diversas atividades.

Percebe-se, entre outras coisas a mudança do comportamento feminino.

A historicidade do discurso espelha as diferentes realidades.

Vale uma reflexão.

ARMADILHAS

Para chegar a um estado de alegria, temos de buscar esse sentimento dentro de nós.

Salle M.Redfield

Às vezes nos descobrimos cheios de amargura, com mágoas de alguém pelo que julgamos que esta pessoa nos tenha feito. É um sentimento que ao se instalar faz mal a quem o sente e não àquele que é seu suposto causador.

Julgamos que ao nos ressentirmos e demonstrar ao outro o quanto estamos desagradados, aborrecidos, ofendidos ou feridos o estaremos atingindo também, fazendo com que esta pessoa se sinta tão mal quanto estamos nos sentindo.

Na realidade, estamos querendo fazer ao outro, o que julgamos que ele nos tenha feito.

O que não percebemos é que muitas vezes nos ressentimos porque nutrimos expectativas com relação aos outros e esperamos que eles as satisfaçam. Então, isto não passa de um produto de nossa cabeça. Ocorrem duas situações importantes que devemos ter sensibilidade para perceber. A primeira,que o outro nem imagina tais expectativas,pois elas são fruto de nossos desejos íntimos,muitas vezes não verbalizados,e em segundo lugar,que o enfoque que o outro tem de determinada situação,pode ser totalmente diferente do nosso,levando-se em conta sua história de vida,sua bagagem emocional, seus próprios desejos e anseios.

Uma maneira mais razoável de agir é tornar claras as expectativas, assim com esclarecer o que os outros esperam de nós, para que também não venhamos a frustrar as expectativas dos outros, pois vontades não expressas pode ser uma fonte de frustração e desenganos. É difícil alguém corresponder a uma expectativa que ele não imagina qual seja.

Temos que levar em conta que os outros não têm responsabilidade pelo que nós esperamos dele, até, porque nem todas as nossas expectativas são razoáveis ou justas.

Muitas vezes nos aborrecemos porque não conseguimos ter nossos anseios satisfeitos e acabamos atingindo com as nossas frustrações, as pessoas que estão próximas. Ficamos estressados, vivemos crises, nos angustiamos e espalhamos sentimentos negativos ou afastamos as pessoas.

.É um círculo vicioso que se mantém, porque nós o alimentamos e podem afetar tanto no aspecto afetivo, familiar, como no âmbito profissional, pois não são compartimentos isolados em nosso interior. Somos todos estes aspectos entrelaçados e interagindo. Para nos libertarmos dessa cadeia de sentimentos negativos que fazem com que vejamos só os problemas e não as soluções, devemos parar de adicionar este tipo de sentimento e de conduta. É necessário coerência, fazendo com que pensamento, desejos e conduta estejam em sintonia.

O caminho é rever os próprios sentimentos, reavaliar condutas, perdoar erros, sem que tenhamos a pretensão de que eles nunca mais vão ocorrer, porque é próprio do ser humano errar, mas aproveitar cada circunstância para aprender, crescer, perdoar e recomeçar, confiante e sem mágoas, com o coração limpo, sabendo ver sentir e valorizar as coisas que realmente tem importância.

É importante a consciência de que somos os responsáveis pelas coisas que sentimos, boas ou ruins. Temos que cultivar o que é bom e nos livrarmos de bagagens que só prejudicam, como sofrimentos e decepções. Temos que usar o tempo e os recursos emocionais, espirituais e afetivos para termos uma vida que nos faça feliz e proporcione boas interações com aqueles que nos cercam e são importantes para nós.

SOBRE O AMOR

"Vivemos esperando o dia em que seremos melhores, melhores no amor, melhores na dor, melhores em tudo."

Jota Quest

Mesmo que estejamos vivendo no século XXI, que o avanço tecnológico seja uma marca da época, o ser humano continua com muitos anseios tal qual o homem de século passado.

As angústias, as dores, dúvidas sobre si mesmo, sobre os relacionamentos ainda passam por corações indecisos. Há uma busca por novos relacionamentos, numa tentativa de viver mais feliz.

Segundo o psicanalista Flávio Gikovate o que muitos buscam hoje é um relacionamento em moldes diferentes daqueles vividos no passado, no qual ocorria até um processo de despersonalização, geralmente da mulher, onde um ser sente-se incompleto e vai em busca da outra metade que o complete. Este ser não vive por si só. Precisa de outro que lhe dê sentido. Ocorre um processo de enquadramento no projeto masculino, no qual a mulher, muitas vezes perde sua identidade.

Segundo ele, o fundamental nas relações atuais é a parceria. Não existe aquele desejo desenfreado de ter alguém para sentir-se alguém, pois as pessoas aprenderam a viver mais consigo mesma, respeitando-se mais, por isto pensam em dividir com o parceiro a sua vida.

O fundamento da relação é outro. Não é mais a dependência. Ambos são seres completos, mas que buscam junto um enriquecimento maior, na troca de vivências, de sentimentos. É uma troca prazerosa e geradora de crescimento e fortalecimento da cumplicidade.

São como companheiros de viagem, nesta trajetória imprevisível que é a vida.

Esta aproximação é possível entre duas pessoas inteiras, dois seres únicos, valorizados, pessoas que tem forte individualidade, o que não se confunde com egoísmo.

Neste tipo de relacionamento não existe dominação, nem concessões exageradas.

Cada um é ímpar, no seu modo de pensar, de agir, que serve para si mesmo e não para julgar, avaliar ou enquadrar ninguém. Nem existe a necessidade de "criar" alguém para se enquadrar num esquema que se ajuste ao do outro.

Neste tipo de amor que Gikovate chama de mais amor, coexistem duas pessoas inteiras, onde há prazer na companhia, aconchego, respeito.

O homem muda o mundo e depois sente necessidade de mudar a si mesmo, para se adaptar ao novo mundo, daí as mudanças nas relações.

Na medida em que a sociedade hoje não está formada dentro dos parâmetros de antigamente, que a mulher em grande percentual não depende mais do homem financeiramente, tem profissão, reconhecimento, desaparece aquela relação de necessidade e surge outra mais espontânea que se caracteriza pelo desejo de estar junto, desejo de companhia de partilha entre duas pessoas plenas, mais seguras, mais predispostas a dividir o que pode ser um fator importante para obtenção de sucesso na relação.

APRENDER A DIZER SIM

Uma crônica que li há poucos dias relatava a respeito das coisas que a cronista havia relacionado para nunca fazer em sua vida.

Tal escrito logo se sobressaiu para mim, pois , ao contrário dela, tenho uma lista de coisas que desejo fazer, aprender, experimentar.

Ela, embora, se posicionasse daquela forma, havia feito algo que estava na referida lista e até tinha gostado, o que sem dúvida é muito bom.

As pessoas que se posicionam desta forma, deixam de experimentar sensações novas, de viver momentos que podem abrir inúmeras possibilidades de vivências futuras, gratificantes ou não, mas que sempre servirão para aprendizado, basta estar disposto a isto, a reformular conceitos, a mudar, o que certamente implica em renovação, em suma, viver.

Não há possibilidade de crescimento, de acréscimo dentro de uma postura inflexível, rígida, cheia de conceitos formados, estabelecidos, sem abrir espaço para a participação e envolvimento com novas situações, novas relações sociais, novos interesses, novas trocas que induzem a repensar antigos dogmas, diante de uma sociedade sempre em evolução, ou sempre em mutação.

Temos que considerar que certos posicionamentos que adotamos em determinada época são frutos de nossa convicção frente às situações, válidas num determinado contexto e considerando nossa bagagem de vida àquela época.

Se em função disto, nos posicionarmos da mesma forma para o resto de nossa vida, sem considerar que mudamos que amadurecemos que a sociedade muda e que há avanços que muitas vezes não mais justificam tal postura, estaremos negando a nós mesmos chances de novos aprendizados.

Creio que uma reflexão que ao menos inclua a dúvida, já permite visualizarmos uma possibilidade de mais flexibilidade, de não estagnação.

Muitas vezes, não tivemos a possibilidade de fazer determinada coisa, ou nunca a desejamos realizar, mas quem sabe em outra circunstância, com outro objetivo, com mais respaldo, apoio, incentivo, nos atrevemos a fazer?

Claro que me refiro às coisas lícitas, corretas, honestas e não a situações que induzam a experimentar coisas prejudiciais, ilegais, antiéticas.

Sei de pessoas que riscaram de suas vidas a possibilidade de dirigir um carro, de aprender a nadar, de praticar um esporte, de andar de avião, de ter um animal de estimação, de fazer um curso superior, de aprender uma habilidade manual, de utilizar celular, de aprender computação, de emagrecer, de aprender um idioma, de trabalhar e outras coisas.

Existem coisas que podem parecer difíceis, entretanto toda vez que colocamos primeiro um NÃO, que canalizamos toda nossa energia neste sentido, estamos bloqueando qualquer possibilidade de um resultado diferente. O "não" parece mais adequado, mas na realidade é o mais fácil, pois não implica em mudar, em tentar, em executar, o que pode muitas vezes ser trabalhoso, pois a pessoa passa a agir, a atuar, a ser protagonista, o que leva ao envolvimento e à responsabilidade. Isto muda paradigmas.

Sei que cada um tem um ritmo e face a isto, a percepção de determinada coisa ocorre em diferentes etapas para cada um. Uns amadurecem mais cedo, outros parecem nunca amadurecer. Enfim, não há como nivelar. Temos que considerar inúmeros fatores. Também percebi, fruto de experiência pessoal, que o "nunca" é muito forte, que o "não" afasta, subtrai e que sempre há tempo para quem está disposto a um pequeno passo e que este pequeno passo pode ser , apenas, o primeiro de uma grande estrada a ser percorrida e que a gratificação experimentada nas pequenas vitórias, pelos limites ultrapassados é algo grandioso, pessoal, intransferível, mas que também é algo parecido com a luz, posto que se reflete e tal qual um farol, sinaliza para indicar caminhos para quem está por perto.

Finalizando, digo o quanto é importante dizer "sim", ao aprendizado, às mudanças, à vida.

COISAS QUE APRENDI

"Todos querem mudar o mundo, mas ninguém quer mudar a si mesmo."
Leon Tolstoi

Durante muito tempo achei que tinha que fazer mudanças, só que pensava em mudar outras pessoas, até que percebi que tinha que mudar a mim.

È necessário nos reeducarmos, desenvolvermos novas habilidades. Se estivermos motivados é só questão de disciplina e perseverança, isto é, exercício contínuo, diário.

É importante ter humildade, que não é submissão, nem falta de autoestima, nem passividade. É a aceitação de nossa humanidade, ou seja, que temos que aprender sempre, que estamos sujeitos a erro, que não podemos desanimar com as adversidades, que precisamos dos outros.

Há um tempo atrás, percebi que não podia deixar para mudar no mês seguinte, na próxima temporada, ou seja, seguir adiando, esperando que as mudanças ocorressem por si só, como por milagre. Temos que mudar hoje. Nosso compromisso é viver cada dia de uma vez e procurar fazer em cada um deles o melhor.

Existem princípios que se conseguirmos cumpri-los, diariamente, certamente, estaremos sendo melhores pessoas e melhorando nossa convivência.
Procuro vive-los, não é fácil, mas tento. Quero reeducar meu espírito.
Os princípios a que desejo me referir, independem de qualquer religião que professemos, podem ser seguidos por qualquer pessoa. Inicialmente, podem parecer muito simples, mas executá-los nem tanto assim. São os ensinamentos indicados pelos que se dedicam a difundir a terapia Reiki. Estes preceitos são: não se zangue, não se preocupe, expresse gratidão, seja honesto e aplicado no trabalho, seja gentil.
Quantas vezes cobramos dos outros atitudes que nós mesmos não praticamos?
Um fator importante que nos auxilia para desenvolvê-los é, certamente, a tolerância, a disposição de aceitar as opiniões diversas da nossa, sermos mais pacientes, mais controlados.
É fundamental nossa disposição em cumpri-los, se não conseguirmos, é só começar de novo, todo dia, dispostos a acertar, a ampliar a meta atingida anteriormente.
É uma proposta a ser vivenciada sempre, passo a passo, o principal é não parar, não abandonar a caminhada. Um dia, chegaremos ao ponto que desejamos. Aí, certamente, teremos novas metas, pois estaremos divisando outros horizontes.
Viver é estar em constante movimento.

ATINGIR METAS... REALIZAR SONHOS

Há um tempo, tive oportunidade de assistir uma palestra motivacional, na qual o palestrante enfatizava a importância de ter sonhos, pois são eles que nos projetam para o futuro.

Para mim foi muito importante, um motivo a mais para me empurrar para frente.

Os sonhos não estão ligados à idade. Não é privilégio nem prerrogativa da infância, adolescência, juventude ou idade adulta.

Qualquer pessoa, independente da idade, pode ter sonhos. Aliás, deve ter sonhos. Muitas vezes esses sonhos são esquecidos pelas necessidades que surgem ao longo da vida, pelas escolhas que temos que fazer em função de momentos e situações vividas.Mas em determinada época da vida ,quando certas etapas já foram cumpridas, quando há mais tempo disponível, e já podemos pensar mais em nós e não só nos outros, porque não podemos realizar sonhos que ficaram adormecidos em algum canto do passado?

Sonhar revitaliza, dá novas energias, evita acomodação, afasta o medo porque a pessoa estabelece metas, se empenha em alcançá-las, amplia seus horizontes, conhece seus limites e ainda tem a oportunidade de superá-los. Isto proporciona autoconhecimento, dá mais confiança, faz com que se estabeleçam novos objetivos a serem atingidos.

Não é necessário que sejam sonhos grandiosos, às vezes são coisas mais simples, que por uma circunstância qualquer não puderam se concretizar em outra época. Porque não resgatá-los, porque não se dar esta satisfação?

Mas, também podem ser sonhos grandes, porque não? Qualquer pessoa pode sonhar alto. Então é necessário preparar-se , aprimorar-se,lutar, empenhar-se muito, correr atrás daquilo que almejamos.Enquanto estamos empenhados em algo, o tempo passa , as dificuldades vão sendo superadas gradativamente,as barreiras transpostas e aquilo que poderia parecer inatingível cabe direitinho em nossas mãos, como um prêmio ou um presente divino, fruto de um esforço pessoal, de aprimoramento ,muitas vezes exterior e interior , causando uma emoção muito grande e dando-nos a certeza que com trabalho, dedicação, fé, coragem e muita determinação podemos conquistar o que desejamos.Tudo aquilo pelo qual lutamos, ao conseguirmos tem um sabor muito especial.São emoções únicas, que nem o tempo pode apagar.

Viver é muito bom. Sentir-se vivo, melhor ainda.

ANALOGIA

Duas atividades são muito eficazes no combate ao desânimo, estresse, mau humor. Ambas são fantásticas para acalmar e ordenar os pensamentos. Refiro-me à caminhada e ao tricô. Verdadeira terapia. Para mim é assim que funciona. Resolvi tricotar com uma linha de seda. Macia, colorida, brilhosa. O fio todo trabalhado não necessitava nem de ponto especial. Parecia tudo muito fácil. Pois aquilo que se parecia com um doce ou brinquedo na mão de uma criança, isto é, capaz de dar prazer, de alegrar, de divertir, de produzir bons resultados transformou-se numa verdadeira penitência.

A linha era escorregadia como algumas pessoas que não se deixam prender ou envolver. A ponta interna do fio a ser trabalhado sempre se enroscava com a parte externa do novelo parecendo alguém que vive em eterno conflito consigo mesmo. Apesar disto segui em frente, torcendo a linha de um lado, desenroscando de outro, voltando atrás tentando consertar alguns emaranhados no novelo, como alguém que fez algo errado e volta para consertar e pedir desculpas.

Eu permanecia firme no meu propósito de seguir em frente apesar dos percalços, da perda de tempo,entretanto isto não foi suficiente para evitar que um verdadeiro ninho de fios enroscados se formasse, sendo impossível seguir em frente.

Nesta altura o desafio já estava estabelecido. Era uma questão de honra. Vou em frente de qualquer maneira, pensava, nem que tenha de cortar em pedaços para ir adiante. Foi o que fiz. O tipo de linha dificulta a percepção das emendas realizadas. Mas eu sei que elas estão lá. Para quem olhar de fora, vai parecer tudo muito bonito, semelhante a certas situações, que só quem está por dentro percebe o que está errado, sabendo o que significa ou o quanto custou cada nó ou avanço. Fui por pedaços arrumando tudo, impotente para resolver tudo de uma única vez. A cada conserto realizado fui percebendo que tal situação era como a vida de muitas pessoas. Deixam-se encantar e seduzir pela aparência e

só mais tarde percebem o desconforto que vivenciam, e a dificuldade de visualizarem saídas, enrolados num emaranhado de acontecimentos sem saber como deles se livrar, ou o que é pior, se querem mesmo se livrar, tomando, às vezes, até por medo ou inexperiência atitudes precipitadas ou desesperadas. Estas pequenas coisas nos ensinam que é necessário ter muita paciência para visualizar aonde se quer chegar, qual o melhor caminho a ser seguido, e acima de tudo discernir se coisas por demais complicadas valem o esforço, o tempo e o desgaste nelas empregados. Por outro lado, se de imediato as abandonamos é porque elas não mereciam de fato nosso tempo, preocupação, atenção ou desvelo.

A NATUREZA DE CADA UM

Encontrei uma fábula denominada O Sábio e o Escorpião. Resumindo o texto, ela conta que ao ver o escorpião se afogando, um velho sábio oriental foi socorrê-lo. Ao fazer isso o escorpião picou o sábio, que tornou a soltá-lo na água. Ao vê-lo novamente se afogando, voltou a salvá-lo, tendo mais uma vez, o escorpião o atacado. Quem observava a cena, perguntou ao sábio, porque ele era tão teimoso se sabia que o escorpião sempre o atacaria, mesmo que estivesse querendo ajudá-lo.

O sábio, então, respondeu, que aquela era a natureza do escorpião, assim como a sua natureza era ajudar e que não ia deixar que um fato ruim mudasse sua natureza.

O propósito de contar essa fábula tirada da internet é para mostrar às pessoas, que não devemos mudar nossa natureza, apesar do que nos fazem.

Se alguém nos faz mal, não devemos pagar com o mal, não devemos voltar "a época do "olho por olho, dente por dente", como na época da pena de Talião, ou do Código de Hamurabi".

Assim, se alguém nos mente, não devemos nos tornar mentirosos e retribuir na mesma moeda, até porque estas pessoas, na realidade, acabam caindo na própria armadilha, pois inventam tanta mentira, que é impossível sair-se bem de todas, uma vez que acabam sem saber que mentira contaram e para quem. É uma sucessão de fatos mentirosos, que as pessoas terminam por perceber e, por pena não os desmascaram.

Estas pessoas, com este tipo de conduta, terminam ficando sós, porque uma vez percebido como elas são, as pessoas se afastam, até para não perder tempo com pessoas que se tornam sem credibilidade. Perdem a noção de que os relacionamentos são o que de mais importante existe e desta forma os jogam fora.

Somos livres para fazer nossas escolhas.

Pode até que tentemos desculpar os erros pelo determinismo genético, psíquico ou ambiental. Mas todo ser humano tem potencialidades dentro de si para ser bem sucedido ou fracassado, bom ou mau, íntegro ou mentiroso. A ação e o resultado dependem de suas escolhas, de suas decisões, não das condições.

Temos que fazer as escolhas certas e nos responsabilizarmos por elas.
O tipo de pessoa que queremos ser, traiçoeiros ou confiáveis, generosos ou egoístas, rancorosos ou com capacidade de perdoar é que determinarão o futuro.Em qualquer das opções, e na mais simplista das conclusões, temos que ter em mente, que o futuro nos trará a contrapartida das nossas opções e decisões, pois certamente colhemos o que plantamos.

ACEITAÇÃO

"Não estamos vivos apenas porque ainda não morremos, mas porque a vida é uma oportunidade para crescer, para aceitar nossas canseiras, nossos limites, nosso envelhecimento e nossa mortalidade."
Leonardo Boff

Sou daquelas pessoas que acreditam que devemos comemorar as conquistas, pessoais e familiares. As celebrações são momentos únicos que nos permitem usufruir da companhia das pessoas que queremos bem. Estes momentos nos revigoram e muitas vezes são as recordações dos momentos felizes que nos dão o combustível necessário para seguir na jornada e enfrentar os momentos de aflição, porque eles ocorrem, independentes de nossa vontade. Na realidade eles possibilitam o equilíbrio entre as duas situações.

Não gosto de ficar falando de coisas ruins, tristes. Quando me propus a escrever, relatando meus pensamentos, sentimentos e experiências foi com o intuito de, com tais relatos, auxiliar alguém que necessitasse, ao se identificar com o que estivesse lendo, além é claro de me expressar o que é muito bom. Entretanto, tenho vivenciado certas situações que acredito, ao relatá-las estarei fazendo um alerta, com a intenção de que as pessoas percebam o que pode estar ocorrendo com um familiar muito próximo ou com um amigo.
Quando um familiar envelhece, custamos a perceber certas manifestações como resultantes de um mal que os esteja acometendo. O normal é pensar que sejam coisas normais da idade, em se tratando de idade avançada. Também há dificuldade nossa em aceitar que aquela pessoa lúcida, autônoma, decidida, capaz de enfrentar situações difíceis e dela sair sem que isto a tivesse tornada amargurada com a vida, com as pessoas e com os relacionamentos, de uma hora para outra, sem nos darmos conta esteja em situação de impotência, de dependência e confusão. Custamos a encarar a realidade: uma enfermidade que não tem cura, degenerativa e progressiva, causando muito sofrimento não só para os que convivem, cuidam, como para o próprio doente que sofre nos momentos de lucidez, ao se perceber em tal situação.
Assim ao notarem que a mesma pergunta se repetiu dezenas de vezes ao dia, ou que a pessoa conta inúmeros fatos passados, mas não sabe se fez a refeição, mesmo estando sentada à mesa com os familiares e tendo partilhado aquele momento com todos minutos antes, quando a pessoa começar a vagar

pela casa, sem saber o que deseja ou o que fazer, a perambular durante a noite ou não conseguir mais coordenar suas atividades, organizar seus pertences, a não saber onde está, mesmo estando em sua própria casa, ou considerar estranhos como conhecidos, colocando-se em situação de risco, fazer gastos sem ter noção de que os fez, ou ainda comprar uma mesma coisa meia dúzia de vezes, não encarem como coisas da idade, simples esquecimento, como uma vez um profissional disse-me diante de uma tomografia.
Poderia citar outros detalhes, mas restrinjo-me para não tornar maçante para o leitor, visto que minha intenção não é outra senão alertar para o fato de que isto é indicativo de uma enfermidade que é difícil de ser diagnosticada, embora acometa um a cada 10 idosos acima de 80 anos, a cada ano que passa e seja a terceira causa de morte nos países desenvolvidos, perdendo apenas para doenças cardiovasculares e câncer.
As mudanças ocorrem, afetam a vida dos indivíduos sem que possamos evitá-las ou interrompê-las. Só nos resta tentar minimizar os efeitos danosos ao enfermo, dentro do possível, para podermos conviver, auxiliar e não deixar que isto nos tire a fé, a alegria de viver, nem nos transforme numa pessoa negativa ou revoltada, conscientes de que as adversidades ocorrem e que devemos utilizá-las para nos tornarmos pessoas melhores.

A DIMENSÃO DO OUTRO

É muito bom participar de grupos. Podemos nos reunir por interesses profissionais, por interesses, por outras afinidades ou simplesmente por amizade.
O importante é participar. A convivência gera benefícios.
Identificamos-nos, interagimos,desenvolvemos confiança mútua.
Ao nos dedicarmos a estas atividades podemos servir ao outro e nos sentirmos gratificados também.
O valor da acolhida é inestimável, para ambas as partes envolvidas.
Quando nos dispomos a escutar o desabafo, o problema do outro, sem interrupções, sem distração e distorções, sabendo, apenas, escutar, sem planejar resposta que muitas vezes serve para desabafo próprio e não para auxiliar o interlocutor estaremos sendo de grande valia, pois em certas ocasiões é só isto que é necessário, pois através deste ato a própria pessoa começa a perceber significados antes não vislumbrados.
A sensibilidade em colocar-se no lugar do outro, mostrar interesse real pela sua palavra é o que faz com que haja sintonia entre as partes.
Algumas oportunidades bastam um sorriso, um gesto de afeição, palavras de carinho, um aperto de mão, ao invés de alardes e manifestações esfuziantes. O simples fato de saber-se entendido, apoiado ou saber que o outro está lá, solidário é o que basta.

A troca é reconfortante.
O exercício de tolerância que ocorre pelo aprendizado da aceitação e convivência com outras pessoas, de variadas crenças, diferentes opiniões de modo harmonioso faz com que haja crescimento pessoal. Aprende-se que podemos ser diferentes, pensar diferente e colocar isto sem antagonismos, inimizade ou choques.
O processo de amadurecimento se revela no momento em que um passa a defender o direito alheio de ser e pensar de modo diverso do seu, o que revela profundo respeito pelo semelhante.
Tanto a identificação quanto a convivência com os opostos de forma respeitosa são produtivos, saudáveis geradores de crescimento, o que é negativo e inaceitável é a indiferença que anula e isola.
Concluímos reafirmando a importância de vida em grupo.
Conviver é partilhar. As experiências boas se multiplicam, as más se tornam mais leves.

A ARTE DO ENCONTRO

Muitas vezes nos deparamos com pessoas que parecem sempre de mal com a vida, fechadas em si mesmas, procurando isolar-se, em vez de integrarem-se, ou no seio da família, ou nos mais diversos grupos. Quase sempre são muito críticas, muito exigentes, querendo que tudo seja feito à sua maneira, sendo esta considerada a única forma correta, desprezando as opiniões, gostos e idéias alheias.

São pessoas de difícil comunicação, amargas que vêem o mundo de uma forma pessimista, cinzenta. Não desfrutam de muitos momentos bons, porque não sabem relaxar, descontrair-se, ver as pessoas, as situações e os fatos de uma maneira menos intransigente, mais indulgente, sem julgamentos. Não sabem aceitar as diferenças. Parecem não ter prazer em estar com pessoas. Preferem o isolamento ao encontro. Não me refiro só ao encontro físico de estar em companhia de alguém, mas o encontro verdadeiro, espiritual, de almas, coração, sentimento.
Para que isto ocorra é necessário humildade, aceitação do outro, sintonia de sentimentos, de idéias, despojamento de conceitos pré-formulados, em suma de preconceitos.

Pressupõe abertura, flexibilidade, menos ansiedade, mais paciência para saber escutar, colocar-se no lugar do outro, olhar cada situação com olhos de criança, de aprendiz, de curiosidade, vendo as múltiplas possibilidades, sem ter uma resposta definida, pronta para cada coisa, de acordo unicamente com sua maneira de encarar os fatos.

É preciso saber ver além das aparências, ter respeito pelo outro, reconhecer as diferenças, respeitar as individualidades.
E necessário saber acolher o outro, dirigir-lhe palavras, pensamentos, sentimentos que exaltem o positivo.

Quem recebe apoio, palavras de incentivo, sente-se seguro, amado, é capaz de desenvolver todo seu potencial com mais facilidade. Tem sua auto-

estima elevada. Sente-se respeitado e amado pelo que é. Isto gera confiança no outro e em si mesmo..Faz com que as trocas ocorram naturalmente.É ação versus reação.Se recebo carinho confiança, entendimento,aceitação, estímulos positivos, vou responder ao longo da vida de forma idêntica.

Quando existe o verdadeiro encontro, há sintonia, divisão de problemas, pois o problema do outro passa a ser meu também. Há ajuda, espaço para o diálogo, aceitação e liberdade para que mudanças ocorram.

ABRINDO ESPAÇOS

Necessitei fazer modificações no apartamento. Há muito já devia ter feito, mas por falta de tempo, comodismo, ou sei lá o que não tinha tido a coragem de iniciar. Fazem mais de trinta dias que comecei e ainda não consegui colocar as coisas em ordem. Na verdade, terei de descobrir qual a nova ordem, pois nada voltará a ficar como antes, o que é bom, pois renovou,abriu espaços, mudou a aparência externa, o que refletiu no interior de cada um visto que está proporcionando mais prazer para quem necessitava que tais modificações fossem realizadas e está mais adaptado às necessidades reais.

Muitas coisas que foram descartadas estiveram guardadas durante anos como sendo algo importante e, no entanto, nem nos lembrávamos delas, Qual a importância, então, se delas pudemos prescindir durante tanto tempo?

Na realidade foi um saudável exercício de desapego.

Creio que o fato de ter que fazer uma revisão atenta de tudo, de encontrar coisas esquecidas que estavam preenchendo espaços físicos, mas que não habitavam mais em nossa memória nos leva a repensar o porquê de tais atitudes.

Trabalhamos bastante para ter condições de comprar coisas que necessitamos (para encher espaços ou inflar o ego), depois nos queixamos do excesso. E assim vamos levando a vida num eterno desconforto, reclamando de algo por excesso ou por falta. Onde está o equilíbrio? Ele existe como fruto de nossas escolhas e ações. E, assim como mudar para voltar a ser o que era antes é exemplo de involução, mudar para estabelecer a mesma ordem é o mesmo que repetir os erros, trocar uma relação por outra semelhante (o que é muito comum, geralmente porque o erro está na pessoa que reincide).

Entre papéis já sem valor, roupas em desuso, recordações boas e outras nem tanto vou garimpando recordações, abastecendo a memória, reciclando sentimentos, doando os excessos, que supriram carências e que hoje só servem para nos deixar ilhado no passado sem transpor em definitivo as pontes que nos levarão a novos rumos. É certo que muitas vezes é o medo de empreender certas travessias que nos deixa prisioneiros no tempo já esgotado.

Então o acertado é olhar à frente, explorar novas possibilidades, novos caminhos sempre procurando equilíbrio para não viver em descompasso consigo, com os outros com o ambiente de modo a estabelecer bons fluxos de

energia que não são permitidos quanto há excesso quer de coisas materiais que impedem a liberdade de movimento ou de emoções não trabalhadas, não elaboradas que impedem o crescimento.
Abrir espaços é libertar-se, abrir clareiras externas e internas, deixar que sentimentos sejam exteriorizados e se transformem, pois como diz a música, sentimento ilhado, morto amordaçado volta a incomodar.

A BELEZA DE CADA ESTAÇÃO

Recebi uma mensagem que falava a respeito de um homem que desejava que seus filhos aprendessem a não julgar os acontecimentos de forma apressada. Então, ele mandou que os quatro filhos fossem observar uma pereira plantada em um local distante. Mandou cada um deles em uma estação diferente. Ao relatar o que viram as informações foram desencontradas. Um disse que a árvore era feia, torta e retorcida, o outro que ela era recoberta de botões verdes, cheia de esperança. O terceiro disse que ela estava recoberta de flores, com um cheiro tão doce e perfumado que ele até arriscaria dizer que era a coisa mais bela que tinha visto. O último vira uma árvore carregada e arqueada de frutas, de vida e de promessas.

O homem então explicou que todos estavam certos, porque cada um tinha visto apenas uma estação na vida da árvore. A sua conclusão é que não se pode julgar uma árvore ou uma pessoa por apenas uma estação. A essência de cada um e o prazer, a alegria e o amor que vêm daquela vida só podem ser avaliados no final, quando todas as estações estão completas.

O propósito de contar tal história é para que levemos em conta que a beleza existe em cada estação, temos é que ter sensibilidade suficiente para percebê-la nas pequenas coisas.

Estamos na primavera e tão importante quanto esta bela estação que faz desabrochar as flores, o sol brilhar com mais intensidade e a vida parecer mais bela, é cultivarmos esta beleza e este milagre em nossos corações, no dia a dia, valorizando cada um dos dons que recebemos gratuitamente e que temos o dever de multiplicar para melhor dividir com nosso semelhante.

O fato de estarmos celebrando a primavera é uma mostra de que na realidade estamos celebrando a vida, a alegria, a amizade, sentimentos que devem ser cultivados em qualquer época de nossas vidas.

É uma prova de que não nos deixamos perturbar, nem amedrontar com o avanço da idade, porque mais importante que o número de anos vividos, é a maneira como os vivemos, não como quem carrega um pesado fardo, mas como quem carrega algo precioso, que nos foi dado com amor, e que por isso mesmo é capaz de nos fazer valorizar o azul do céu, o brilho das estrelas, o vôo de um pássaro, o sorriso de um amigo, a inocência do olhar de uma criança.

É importante compreender que o fato de comemorarmos a primavera, é importante porque demonstra que a idade não nos faz perder a sensibilidade, não nos tolhe de olhar para o mundo com olhos de eternos aprendizes, que

festejamos uma estação, que na realidade está em nossos corações, porque o mundo tem as cores com que nossos olhos o vêem.

Assim, devemos agradecer a Deus, pela vida, pela alegria, pelo companheirismo, pela amizade e pela possibilidade de renovação, de transmutação que nos é oferecido a cada dia e a cada estação do ano e de nosso ciclo vital.

O MELHOR PRESENTE

Claro que criança gosta é de brinquedo, sempre com destaque para aqueles sobre os quais a mídia enfatiza a propaganda. Há sempre o boneco, o carrinho ou acessório da hora, colocados, inclusive na grade de programação das grandes emissoras, em horário nobre.

Sabem os publicitários o poder que a criança tem, para induzir o adulto a comprar, consumir.

Não podemos esquecer que em se tratando de coisas materiais, o melhor é que seja adequado a cada faixa etária, para que auxilie o desenvolvimento da criança. Os brinquedos de hoje são de uma sofisticação inimaginável em meados do século passado. Os brinquedos eram os mesmos em várias gerações. Com a industrialização, aprimoramento da tecnologia e globalização os brinquedos apesar de sofisticados, caros também são descartáveis, pois sempre tem novidade. Pobre daquele que não consegue satisfazer os apelos de seus pequenos.

O que eu considero essencial e que certamente seria um presente ideal para qualquer criança é segurança, não só física, mas emocional traduzida no afeto, no apoio de uma família unida e que fosse capaz de dar-lhe todo suporte emocional necessário para desenvolver-se de forma sadia e equilibrada. Claro que ao assim escrever, estou pensando naquele número bem expressivo de crianças desprovidas de sorte, excluídos, marginalizados que não tem acesso à escolarização, a saúde, alimentação, lazer, alvo fácil de oportunistas que muitas vezes as conduzem para caminhos muitas vezes de difícil retorno. Assim, o presente ideal para todas as crianças do planeta, hoje e sempre, seria a garantia de crescer feliz independente de sexo, religião língua ou etnia, terem proteção, amor e serem bem tratadas, num país livre e democrático, com moradia decente, alimentação saudável, assistência médica adequada, e estarem livres de crueldade, exploração, trabalhos inadequados, vivendo num ambiente propício à fraternidade e ao respeito.

Isto não é utopia e não deveria nem se constituir em presente, posto que é um direito de todas elas. Na ausência de coisas materiais que todas elas pudessem receber um grande abraço e uma declaração de quanto são amadas por aqueles que as geraram ou por aqueles que as acolheram.

ENTRE AS NUVENS

Antes de vivermos, a vida é coisa nenhuma, mas é a nós que compete dar-lhe sentido, e o valor não é outra coisa senão o sentido que tivermos escolhido.

J.P.Sartre

Estou no avião que me traz de volta para casa. Minha visão é a de uma bela pintura feita por um artista. Raios de sol refletindo-se em um céu azul no qual nuvens de algodão servem de almofadas para aparar sonhos, lembranças ou medos daqueles que confinados neste pássaro de ferro estão soltos no universo patrulhado por radares, computadores e toda parafernália que serve para facilitar a vida de todos, mas não garante a felicidade de ninguém.

Vizinhos dos bancos atrás de mim estabelecem uma conversação amigável iniciada pelo costumeiro "de onde você vem? Quanto tempo vai permanecer? Que tipo de negócio trabalha?" e uma profusão de outras perguntas cujas respostas parecem formar elos que ao se interligarem dão sentido à vida de cada um. O que ouvi pareceu mais uma demonstração de poder, status, (embora o tom amigável) mostrando o quanto o "ter" parece superar o "ser" nos dias atuais, caracterizados pela fluidez no consumo e nas relações.

Para passar o tempo, me distrair e me desligar da conversação alheia, abri um livro recém comprado, justamente com esta finalidade, ou seja, preencher lacunas, como a do tempo de vôo.

Logo no primeiro capítulo me deparo com perguntas tais como: De onde você veio? Do que se orgulha? Que família você formou?

Minhas lembranças saltam - como os peixes que pulavam nas águas límpidas de Recife - de um passado distante e relembro a infância pobre - as dificuldades, a falta de perspectiva - transformada em semente e combustível de sonhos que foram realizados aos poucos.

No segundo capítulo a autora fala do valor inestimável que é descobrir em meio às atribulações diárias uma lembrança carinhosa, reconfortante capaz de tornar o momento vivenciado mais doce.

Imediatamente brotam de meu coração duas lembranças carinhosas: minha mãe e minha neta, lembranças estas que me fazem umedecer os olhos de lágrimas que não são percebidas por meu marido que ao meu lado, observa o imenso horizonte pela minúscula janela.

A lembrança de minha mãe, a origem, o passado (presente eterno e inesquecível), a outra, minha neta (presente divino) o futuro, radioso, esperançoso refletido em seu maravilhoso sorriso. Ligando as duas imagens a minha realidade, os meus filhos, meu orgulho.

Junto estas lembranças à mensagem que encontrei no celular, momentos antes da partida, enviada por meu irmão pedindo notícias e me dou conta que apesar da distância do solo âncoras fortes me prendem ao solo e me sustentam e que onde quer que eu esteja os terei sempre comigo num elo indestrutível capaz de apagar qualquer aborrecimento do cotidiano.

Fecho o livro para escrever. Deixo para continuar a leitura mais tarde.

HÁ VIDA EM TODAS AS ESTAÇÕES

"O sonho é o olho da vida."
Mia Couto

A sociedade mudou. O tipo de família também. Em meados do século passado a quantidade de mulheres no mercado de trabalho era inferior à de hoje.

As transformações foram imensas no que se refere à área da comunicação. O avanço e a instantaneidade são inegáveis e irreversíveis.

As mulheres ousaram sonhar. Para conquistar sonhos tiveram de trabalhar, com o trabalho ganharam segurança, confiança em si mesmas, maturidade para ver que tipo de relacionamento lhes serviria. Não mais a submissão, mas a cumplicidade, divisão de tarefas, responsabilidade pelas conquistas e fracassos que também passaram a ser partilhados.

As mulheres daquela época não tinham a perspectiva de longevidade que ora têm, pelas melhores condições de vida, prevenção de enfermidades, maior acesso ao conhecimento proporcionado pela globalização.

O estereótipo das mulheres maduras da década de 50 era diferente, assim como a postura e as idéias. Sem qualquer conteúdo pejorativo nestas palavras, eram velhas, porque não havia perspectiva de longevidade. A média de vida era em torno dos 50 anos não de 74 anos como agora, em nosso estado. Viver até os 90 ou 100 anos, não era cogitado, salvo raríssimas exceções.

Por toda uma conjuntura já mencionada, a mulher na maturidade, hoje, tem pensamento, imagem, e perspectivas diferentes.

A difusão de informação aproximou umas das outras, permitindo que se reconheçam nas angústias, nos problema, frustrações, bem como nas aspirações, nos desejos, nos sonhos. As conquistas uma vez divulgadas conscientizaram e estimularam as demais as induzindo a traçarem objetivos e se permitirem ir em busca de um novo modo de viver, de conquistarem espaços e exercerem novos papéis. Os horizontes tornaram-se próximos, não mais inatingíveis.

Com o papel desempenhado na sociedade, além do reconhecimento, teve de conviver com a sobrecarga de trabalho, que ao aposentar-se cessou. Esta época coincide com a saída dos filhos de casa. Esta mulher depara-se com novos desafios.

Mais um recomeço. Novo desafio. Reaprender a viver. Buscar novos sonhos, conviver em outros segmentos que proliferam em razão do aumento de

pessoas na idade madura e na terceira idade. Não é preciso colocar chinelos e esperar a morte chegar. Há novos caminhos a serem percorridos, até porque existe a consciência de que só não envelhece quem morre cedo, e salvo casos específicos, o tipo de velhice que cada um terá , será resultado da maneira como a preparou.
Como já disseram é preciso estar atento... não temos tempo de temer a morte. Há vida na idade madura. Há grupos para conviver, aprender, trocar experiências. Há atividades múltiplas. Estudo, lazer, desfrutar de outra etapa que também é gratificante. São os netos que chegam. Novas aprendizagens e novos ensinamentos, basta saber reconhecer cada oportunidade que se apresenta.
A interação entre as gerações mescla saberes, é saudável, produtiva.
A apatia que podia ser a companheira desta fase dá lugar à ação. A mulher tornou-se agente da própria vida, investidora de sua felicidade pessoal.

A visão mudou. Um novo ciclo começou.

COMO UM ARCO-ÍRIS

Saí para caminhar, porque o tempo era curto para ir à academia. Em virtude disto, ao sair estava aborrecida. Este é um tempo meu, que não posso abrir mão, por uma questão básica de saúde. Já havia chovido. Decidi fazer a caminhada mesmo me arriscando a pegar chuva no caminho, que seria longo.

Ao chegar próximo à rodoviária, ao olhar para o lado deparo-me com uma visão muito bonita. Já estava anoitecendo e o sol se escondendo (se virasse para o outro lado, veria nuvens pesadas, de um cinza chumbo). Seus raios batiam exatamente no prédio do Banco do Brasil. Em face disso, sua aparência era dourada, reluzente, linda. Parecia um espelho, refletindo uma luz muito intensa. Fiquei encantada. Aquela luz me tocou, pois me dei conta que nós também podemos refletir coisas boas, que alegrem, tragam conforto, luz, solidariedade, apoio para outrem. Vai depender de nós, das escolhas que fazemos. Podemos permanecer insensíveis, fechados como uma concha, impenetráveis para um sorriso, para a ternura, para o perdão, para a compaixão, tolerância e para a generosidade.

A linha que separa tais situações ou sentimentos é tênue. Por isto, basta que as pessoas exercitem a sensibilidade, para fazer esta transmutação. Ás vezes, um sorriso, um gesto, uma palavra são suficientes para desencadear uma sucessão de coisas boas. O contrário também é verdadeiro.

Neste momento observo que ao invés de olhar à direita, eu poderia ter me detido a olhar para o outro lado, o que aparentava um aspecto negativo. O meu semblante, então, poderia ser de preocupação, ao invés de expressar admiração, alegria. Refletiria a tonalidade cinza, fechada, triste que era mostrada nas nuvens.

Podemos nos espelhar na natureza e escolher o que queremos, ou devemos refletir. Somos, na realidade, espelhos uns dos outros. Muitas vezes refletimos o outro, em outras ocasiões ele nos reflete, daí a grande responsabilidade do que vamos passar.

Quando saí, estava aborrecida, pelos sentimentos que havia absorvido de outra pessoa com quem falara. Percebi que dependia de mim, dar continuidade a isto ou interromper esta cadeia de maus sentimentos.
No céu, mais uma vez, encontrei a resposta. De um lado, o sol, do outro as nuvens escuras, à minha frente, a imagem da transmutação a que me referi anteriormente. Lindo, colorido, encantador como numa história infantil, o Arco-Íris.
Parecia uma ponte a nos indicar o caminho.
É o caminho que devemos seguir. Durante o percurso buscar respostas dentro de nós, na natureza, nos pequenos grandes milagres da vida. Para isto é necessário reflexão, humildade, saber erguer os olhos para o alto, o que sem dúvida nos dará a dimensão de quanto temos que crescer, evoluir, aperfeiçoar, melhorar, se quisermos, neste nosso tempo, refletir luz e não sombras.

FAZER RENASCER A ESPERANÇA

A cada dia que passa vamos percebendo coisas novas, reformulando antigas e aproveitando isto para crescimento pessoal e melhora nos relacionamentos.

O problema é quando nos deparamos com pessoas por demais fechadas em si mesmo. Geralmente, quando mais novas, elas não se dispuseram a ouvir os outros, a serem mais tolerantes com o propósito de melhorarem e crescerem com ser humano e assim viverem de forma mais leve, com mais bom humor e menos exigências. Ao chegarem a uma idade mais avançada tornam-se mais isoladas, só reclamando, sem ver o lado bom das coisas e usufruir de melhor qualidade de vida. Então, adoecem.O espírito adoece.Chegam a estágios de puro sofrimento,tornando-se cada vez mais difícil abrirmos um espaço para conseguirmos penetrar e mostrar não o que elas perderam, porque não dá para recuperar o tempo perdido,mas o que elas podem ganhar no presente e no futuro se elas se dispuserem a fazer uma revisão de conceitos,atitudes e sentimentos a fim de aproveitarem melhor o seu tempo de vida e sobretudo o quanto deveriam sentirem-se privilegiadas e felizes com o que tem , que não enxergam e não dão o devido valor.Ás vezes não conseguem em virtude da própria doença já instalada.

Todos os sentimentos ruins acumulados acabam superando coisas boas e tomando espaços da alma e do corpo por inteiro.

Com tanto sentimento bom para desfrutar, valorizar e repartir ao longo da vida, como a amizade, o amor, a paciência, a força, coragem, tolerância, o bom humor, a simpatia, a bondade o que elas fizeram? Os deixaram esquecidos em alguma gaveta da alma, aprisionados, escondidos no meio de tanta reclamação incompreensão, pessimismo, desânimo, intolerância, raiva, tristeza.

Percebo que algumas vezes, pessoas que não tiveram filhos parecem mais intolerantes, talvez por não exercitarem isto no dia a dia, pois a boa convivência é uma questão de exercitá-la continuamente, sabendo respeitar as diferenças e divergências. Li em algum lugar que quem quiser uma família que nunca lhe dê algum dissabor, que se mude para Marte, porque isto não existe.

As pessoas que me refiro parecem só ver preocupação em tudo. Não sabem apreciar as belezas das diferentes estações, tanto as do ano, quanto de sua própria existência.

Fazemos muitas vezes um grande esforço, para conseguir despertá-las. Além da ajuda profissional necessária nestes casos, eles necessitam que todos os que estão mais próximos, familiares e amigos se mobilizem revezando-se continuamente, tentando despertá-las para uma convivência saudável.

O sorriso parece que ficou sufocado no fundo da alma.

Creio que só resta regar com muita paciência e determinação, aquela pequenina semente chamada esperança, para que ela renasça forte em seu coração tão sofrido e amargurado.

Atrás da esperança, o sorriso, então escondido, vai reaparecer e iluminar os novos tempos.

Se todos percebessem o quanto é mais fácil sorrir. E, faz um bem enorme...

TEIAS

O ser humano não foi feito para viver só e sim para conviver, partilhar experiências. É importante estabelecer relacionamento, formar teias que o mantenha ligado, entrelaçado com outros de maneira que ele possa circular entre estes ligamentos e deles extrair segurança e se fortalecer. Não para se sentir prisioneiro, mas para que possa se sentir firme e ser impulsionado para realizações proveitosas.

São teias formadas pela família, pelos parentes, pelo vizinho, companheiros de grupo, pelo colega de trabalho, primordialmente por aqueles com quem é possível fazer trocas sinceras, que produzam sentimentos bons, que façam o indivíduo se sentir e ser melhor, abandonando pessimismo, egoísmo, orgulho, e qualquer outro sentimento que produza efeitos negativos como mágoa, raiva, ódio, vaidade ficando mais leve para alçar vôos que permitam ter o espírito livre para conquistar a paz e alegria de viver.

É mais fácil quando o indivíduo está comprometido em viver e transmitir otimismo, amor em cada dia de sua existência. Não é fácil, mas para que isto ocorra é necessário estar bem consigo mesmo, satisfeito com o eu interior, com as próprias realizações, consciente de como deseja viver, das metas que quer atingir.

Só se abre para uma vivência compartilhada e que valorize o outro aquele que tem auto-estima satisfatória, que se sabe importante, único e reconhece a importância do outro. Este tipo de pessoa vive com generosidade, sem preocupação de estar sempre certo, de ganhar, pois o que deseja é ser justo, construir bases sólidas que tanto serve para aparar àquele que cai como para impulsionar quem deseja ir em frente com a segurança que tem conexões fortes para nelas se reabastecer, quando for necessário.

Para a existência desta teia é fundamental existir confiança, pois só mantemos laços com quem é possível confiar. Para confiar é necessário identidade,

identificação, afinidade e, mais uma vez, auto-estima, pois só quem se crê confiável é capaz de confiar nos outros.

A teia é resultado de encontros, de amarras que dão sustentabilidade. É como uma rede em que todos os nós ou ligações são importantes e vão sendo feitos gradativamente, com paciência, com clareza, com desapego, com solidariedade e objetivo comum.

É resultado de como cada um quer viver: só, voltado para si mesmo, seus interesses particulares ou de forma compartilhada, reconhecendo que ninguém é perfeito, mas é único, digno de respeito e valorização.

Esta opção de vida vale para a vida familiar, como para os relacionamentos sociais e profissionais, não fosse assim não veríamos proliferar as redes de cooperação, as teias de solidariedade e tantas outras organizações sociais que se estruturam buscando uma melhor vivência em sociedade, mais solidária, mais humana.

REMINISCÊNCIAS

Ao passar por uma padaria senti o cheiro do pão ao sair mais uma fornada. De imediato fui remetida aos tempos de minha infância. Adoro este aroma. Coisa curiosa, pois pode parecer que tive uma infância maravilhosa e, no entanto, ela foi cheia de dificuldades, de carências materiais.

Outra responsável por lembranças é a chuva, ou melhor, o odor que a terra exala em contato com a água da chuva. Não sei explicar com exatidão quando isso ocorre, mas creio que é em época de calor e de seca.

Sempre morei em casa. Talvez por isso, pelo contato mais direto com o solo essa ligação seja explicada.

Ao lembrar esta época, recordo de uma casa de madeira ao fundo de um grande terreno. Grama verde, borboletas e cigarras voando na primavera e no verão. Vejo-me cuidando de minha irmã menor e, no inverno que embranquecia o pasto, ouço meus intermináveis acessos de tosse. Volta uma grande sensação de impotência. (Ou quem sabe ela sempre esteve aqui escondida).

Reporto-me ao nascimento de meu irmão, em épocas mais distantes ainda, da minha felicidade ao exibi-lo às visitas como se fosse meu bebê e das minhas angústias quando ele adoeceu e quase se hospitalizou.

O gatilho de minha infância é detonado quando ouço alguma música esquecida no tempo. Lili (acho que é esse o nome) é uma delas.

Associo ao passado, as balas de goma, aquelas ainda sem formas diversas como agora, peito de frango desfiado, balas de guaco, xarope caseiro feitos por minha avó, cuja folha era colhida direto do pé que se espalhava por cima da parede do tanque. Ainda, o doce de figo, cujo pé era possível enxergar da janela de seu quarto.

Na Páscoa, ovos de açúcar, bem mais acessíveis que os de chocolate; ninhos feitos em cestos de vime ou caixas cuidadosamente decoradas com

franjas de papel de seda. Uma grande expectativa se instalava, um grande prazer fazê-los.

Em um breve insight percebo que isso talvez explique a luta constante contra o excesso de peso.

Volto à realidade e percebo o que poderíamos considerar à época como algo desagradável, o tempo torna doce, carregado de nostalgia, porque junto destas lembranças estão pessoas que nos foram caras. Apesar do tempo decorrido, permanecem indeléveis em nossa vida pelos ensinamentos, pelas vivências e pelo amor que nos uniu.

CONSTRUINDO A FELICIDADE

Muitas vezes, por afeto e excesso de zelo, somos levados a querer tirar todos os obstáculos do caminho de nossos filhos, querendo poupá-los de dissabores, de sofrimentos. Só que esta não é, sem dúvida, a melhor conduta, a melhor atitude. As dificuldades aprimoram o espírito,amadurecem,fazem pensar ,avaliar melhor cada situação,cada obstáculo com que virão a se deparar na idade adulta.Isto tudo, associa-se ao fato de que aquilo que é muito fácil, muitas vezes não é valorizado devidamente.
As dificuldades são educativas e o sofrimento, muitas vezes terapêutico, pois leva à reflexão, às descobertas, ocasionando um novo entendimento, uma nova visão e, consequentemente, uma nova postura diante da vida e dos fatos.

Aquilo pelo qual batalhamos, dedicamos nosso tempo, esforço e suor, em muitas ocasiões, será mais valorizado apreciado e cuidado.

Quando jovens, na maioria das vezes, ao primeiro dissabor, fazem uma tragédia, ficam dias curtindo sofrimento, transformando-se numa ilha distante, inatingível, envolta num céu de tempestade. Por mais que queiramos nos aproximar, não conseguimos furar o bloqueio que é maior pela impetuosidade da juventude, pela falta de paciência, por querer resolver tudo com se fosse para ontem, sem se aperceberem que a vida se encarrega de atenuar as dores, trazer sabedoria, paciência, maturidade, isto sem falar que ensina cada um a ser mais seletivo nas escolhas e mais ponderado nas decisões.

Os jovens e também em muitos casos os adultos, tendem a colocar a felicidade pessoal em uma pessoa, sem perceberem que é possível construir a própria felicidade. Para isso é necessário ir mais longe em seu desenvolvimento pessoal, procurar distanciar-se dos problemas, para vê-los sob outro ângulo, outro enfoque e assim ser possível analisá-lo com mais distanciamento.

É importante fazer uma autocrítica, procurar ver em si qualidades que possam parecer escondidas ou adormecidas e revigorá-las; valorizar-se, para sentir-se mais seguro, mais dono de sua vida, de si mesmo, ver os erros cometidos e procurar não repeti-los, procurar não ver só o lado negativo das situações. É preciso ver o lado positivo, pois sempre há e consequentemente, visualizar soluções. Energias positivas atraem coisas positivas, renovam sentimentos, tornam ambientes mais leves, melhoram relações, que promovem a elevação da auto-estima e conduzem as pessoas a uma melhor convivência, tanto no ambiente familiar, afetivo ou profissional.

Em geral, tentando melhorar seu mundo interior, crescer como pessoa, edificar sua felicidade em bases internas, o ser humano acaba por perceber o quanto é importante estar bem consigo, para relacionar-se melhor com os outros, pois passa a ter mais para oferecer e menos a cobrar.

Sei que para quem está imerso nos próprios problemas, é difícil abrir a primeira porta, de modo a permitir a entrada da luz, que possibilitará uma nova visão e percepção das coisas, mas aí é que a família, os amigos podem ajudar tentando ser a ponte que os conduza do sofrimento para a libertação, para a consciência de si, do seu valor, levando-os a buscar atingir objetivos pessoais que os tornem mais plenos, realizados e felizes.

Razões para escrever

Em épocas passadas as pessoas escreviam e, em geral guardavam seus escritos sem mostrá-los ao público, salvo, é claro aqueles que escreviam por profissão, jornalistas, colunistas e aqueles que se entregavam à aventura editorial em busca de sucesso e o conseguiam.

O mercado era mais restrito, mais seletivo, inatingível para os simples mortais que desejavam se expressar, sem necessariamente ser um Drummond ou um Vinícius ou outros baluartes da escrita nacional.

Com o advento da internet, a princípio menos democrática em função dos preços, das reservas iniciais e posteriormente democratizadas em quase todo globo, qualquer mortal que tenha um razoável domínio do idioma passou a se expressar com mais facilidade. É o estudante, a adolescente que outrora escondia seus escritos, o profissional, o mais extrovertido e até o mais tímido, pela ausência do contato físico, ousaram se pronunciar, simplesmente colocando na tela seus pensamentos, sem forma definida, até aqueles que de forma mais elaborada criaram páginas virtuais como forma de divulgar seus trabalhos com cunho mais literário. A palavra ganhou mundo com celeridade incrível. Professores, jornalistas, escritores começaram a publicar via internet. Criaram-se redes sociais dando amplitude a tudo e a todos.

Aqueles que tinham o propósito de alavancar uma carreira investiram suas forças neste intento e podemos dizer que conseguiram.

Colocar-se na rede e divulgar suas ideias tornou-se fácil. Muitos conseguem retorno financeiro, enquanto outros se sentem felizes pela simples possibilidade de não precisar investir o que não tem e serem lidos, comentados e seguidos,

Para estes foi à realização de sonhos podendo através do meio virtual conseguir publicar livros a preços mais módicos e tornarem-se escritores.

Quais seriam as razões que levam as pessoas a escreverem? Exibicionismo? Desejo de fama?

Vocação, meio de ganhar a vida para aqueles que fizeram disso profissão?

Meu argumento é outro.

Quem escreve o faz por um desejo interior que se sobressai a qualquer outro fator. Poderia se denominar vocação.

Há aquele que já leu muito, que mergulhou em universo de fantasia, paixão, criatividade. Essa expansão de ideias, sonhos o levou a criar suas próprias histórias. Essa ideia vem desde A. Schopenhauer.

Creio que quem escreve e, aí não importa o gênero é aquele que deseja doar um pouco de si. Através dessa doação, permanecerá um pouco em quem o ler e em que ele tocar o coração. Sim, escrever para mim é conseguir tocar o coração das pessoas. Um desejo escondido, ou não, de imortalidade. Permanecer vivo dentro de cada um que for cativado. Daí, sua alma revelada se propagará como cauda de cometa que uma vez vislumbrada jamais será esquecida.

Desejo de identificação vem embutido nesta ideia de atingir pessoas, generosidade se inclui por dar caminhos mágicos para aqueles que sofrem esquecerem as tristezas e ver um mundo diferente, mais belo, ou não, através de realidades diversas que mostrarão outros paradigmas fazendo com que possa ocorrer outra resposta do interlocutor.

Sempre será produtiva a interação entre escritor e leitor, pois até quando não há identificação, há um posicionamento, questionamentos, ou, simplesmente se constituir em um produtivo momento de leitura.

Creio, acima de tudo, que o escrever se constitui em um processo de autoconhecimento advindo disto uma resposta extremamente positiva para quem escreve. Pode se constituir em um processo de catarse, que também é válido. Aquele que escreve é alguém que se desnuda diante de si mesmo e do leitor. Alguém nu, sem subterfúgios, portanto, sem armadilhas, confiável, espelho para o outro que souber olhar com atenção e respeito.

CONTOS

RITUAL

Levanto-me, arrumo a roupa, como alguma coisa e saio, não sem antes pegar meus objetos indispensáveis para a peregrinação diária- a bíblia, o terço. e o meu crucifixo.
Gosto de ler as passagens, os salmos, de cantar os hinos de louvor a Deus. Gosto daqueles mais tradicionais, mais solenes . Hoje têm algumas em ritmo mais moderno que eu acho até desrespeitoso com Deus, Jesus, Maria e os santos em geral.
Modéstia à parte, tenho boa voz, canto bem e alto. .Tanto que às vezes pego as pessoas me olhando um tanto desconfiadas - isto quando dá o acaso de cruzar o olhar, porque não fico me exibindo, nem olhando para os outros. Devem achar que sou louco. Mal sabem que eu também já pensei isso. Mas foi em outros tempos. Sou assim, meio bicho do mato, de pouca conversa e poucos olhares. Vivo dentro da linha que tracei para minha vida. Pelo menos acho que fui eu.
Cumpro um ritual diário.

Vou à missa todos os dias.
Antes fico ali horas a fio. Passeio na volta, olhando cada detalhe da parte de fora, até porque tem hora para abrir. O interior conheço cada detalhe. É como se fosse minha casa. Acompanhei as poucas mudanças que ocorreram. Vou ali desde pequeno, antes de sair a correr mundo à procura de explicações para coisas inexplicáveis ou para fugir dos caras que me procuravam.
Quando voltei e ainda não podia me expor muito, era onde eu ficava.
Chego cedo, fico sentado no banco embaixo da árvore, bem de frente para a porta. Leio, peço perdão, rezo. O terço todinho. Enquanto isso vai me subindo um sentimento que não sei explicar e me lembro de onde e como eu poderia estar e tenho vontade de beijar os pés de Jesus por me permitir andar por tudo. É quando eu me ajoelho e beijo o chão e fico de braços abertos agradecendo por esse mundão todo à minha disposição.
Em outras ocasiões fico de pé todo o tempo, afinal sacrifício, penitência e jejum limpam as impurezas da alma. Fico ali desafiando os postes para ver quem permanece mais tempo durinho, estaqueado só olhando para cima com aquele olhar de Jesus Cristo, só olhando pro pai, menos na hora algoz, claro, quando ele não agüentava mais e baixou os olhos de tão desanimado. Sei bem como é isso.
Agora não baixo mais os olhos. Ando sempre empertigado. O olhar sempre num ponto fixo. Sempre olhando para frente, reto, sem virar para trás nem para os lados. Só para cima e para dentro de mim.
Talvez por saber tanto do Dele e tudo que ele deve ter sentido que ao me olhar no espelho até me acho parecido com ele. Quando não tinham me cortado o cabelo e a barba então, era mais ainda. Quase igual.
Aí depois de todo esse ritual diário sento na porta da igreja, coloco a caixinha do meu lado e aí fico até a hora de assistir a missa e encerrar meu dia, até recomeçar tudo de novo.

QUEM CALA CONSENTE

Cardoso trabalhava na contabilidade de uma empresa. O local possuía uma área imensa, muitos funcionários, porém com uma administração arcaica, ultrapassada e por demais desorganizada.

Embora ele não tivesse terminado o colegial era muito bom em cálculos. Possuía noções de rotinas administrativas e de contabilidade, por isso conseguira a vaga.

Embora visse os erros ocorridos no local de trabalho, não tinha autonomia para impedi-los de acontecer. Seu posto não lhe permitia fazer mudanças. Tinha consciência que a empresa teria sérios problemas se os erros persistissem, principalmente pela falta de cuidados com o caixa, com estoque. Ninguém coibia os abusos.

A despeito de tudo, seguia fazendo o trabalho que lhe cabia, mesmo vendo as irregularidades se acumularem.

O superintendente agia como se não tivesse conhecimento dos fatos. Ele, por sua vez, não tinha coragem de falar no assunto, nem delatar ninguém ou apontar os erros que tinha conhecimento.

Ora, quem cala, corre o risco de ser encarado ou indiciado como cúmplice de tais falcatruas. Isso era o que lhe passava nos pensamentos nas horas mais aflitivas.

Ficou calado durante uns três anos.

Até que o escândalo estourou. Demissões, investigações, grandes constrangimentos e o que ele temia aconteceu. Todos demitidos, inclusive ele.

Vergonha, desolação, dificuldades de explicar para a esposa e aos filhos o ocorrido. Aliás, nunca explicou. Aceitou a culpa pela omissão.

Vivia em uma cidade pequena, difícil tornou-se arrumar outro emprego. Rumores, maledicências correm como penas ao vento. Não sabia como fazer para sustentar a família. Tantas coisas a serem pagas, nada de luxo, só despesas básicas de aluguel, alimentação, educação. E ele nunca permitira que a esposa trabalhasse. Sentia-se acuado.

Então, foi embora para a cidade grande. Lá seria só ele. A família não passaria dificuldades. Além disso, o peso das acusações seria mais leve de carregar em um local onde não o conhecessem.

A mulher vendeu os móveis e foi com os filhos para a casa da mãe.

A família dele nada fez, para ajudá-los.

A condenação caíra sobre ela e os filhos também.

Ficara sem marido, sem teto, sem perspectiva.

MATRIMÔNIO COMPARTILHADO

Sueli acabara de se separar. Tudo era novo para ela. Só as dificuldades que não. Essas já eram sua antiga conhecida. Sétima filha de uma dúzia. Criada na campanha. Pai alcoólatra, mãe submissa. Todas as agruras imagináveis passou. Desde fome, os castigos sem motivo, até o espancamento da mãe. Esta morreu antes dos cinqüenta anos com aparência de setenta.

Nesta ocasião os filhos foram doados para quem desejasse. Todos separados. Sueli teve sorte de ficar com uma família de relativas posses. Ele comerciante, com esposa e uma filha. A princípio foi aceita para trabalhar de doméstica. Recebia salário, casa e comida e mais do que isso foi contemplada com a amizade da patroa, pessoa de boa índole, justa e generosa.

Com o tempo trabalhou na loja também. Posteriormente, foi fazer um curso de cabeleireira, maquiagem, manicure, essas coisas relativas à beleza feminina com vistas a ter uma profissão.

Foi neste período que conheceu Reginaldo. Ele, também comerciário. Família boa, unida. Sueli achou que estava sendo abençoada. Teria uma família só dela. Casaram-se. Seu sonho de ter filhos desmoronou nos primeiros anos. Não poderia. A decepção não demorou muito. Mudaram os planos e adotaram uma criança que foi amada por todos.

O menino já contava uns dez anos quando ela decidiu separar-se. A princípio, ninguém entendeu. Possuía uma boa casa, profissão, conforto. Mas, não se sentia amada. Também não amava como imaginava. Na realidade o casamento fora uma tábua de salvação para um náufrago de afeto, de bens materiais desde a mais tenra idade.

Apesar das tristes lembranças da infância, conseguia ser uma boa mãe. Não reproduzia condutas vivenciadas. Buscava seu próprio caminho.

Após se ajeitar nas peças que alugara, retomou sua vida. Cuidava do filho e trabalhava.

Certo final de semana foi dançar em companhia de uma colega de trabalho.

Não imaginava, nem fazia planos de encontrar um amor. Só queria se distrair.

Conheceu Fernando. Mais velho que ela, bem arrumado, bom de papo. Sueli não deu muita importância ao fato, pois não acreditou que ele fosse procurá-la.

Parecia bem situado na vida. Emprego fixo, bom carro. O que muito lhe chamou a atenção era o modo de tratá-la. Muito gentil. Por isso, quando ele telefonou ficou feliz.

Sem demonstrações esfuziantes, mas uma alegria contida.

A partir daí passaram a encontrar-se regularmente. Ele conheceu seu filho. Ambos se aceitaram amigavelmente. Ele a ajudava, prometia assumi-la, só pedindo um tempo para se organizar.

Como nada tinha a perder aceitou. Mais de um ano após, ele disse que estava tudo pronto para assumirem o compromisso publicamente. Comprou uma aliança de ouro que ofereceu a ela e levou-a para conhecer o local onde ela iria morar com o filho.

Ao chegar ao local nem acreditou. Iria sair de suas duas mirradas pecinhas para morar em um lindo sobrado por ele mandado construir, em uma rua bem isolada, no bairro em que ela morava e trabalhava.

Ela fez a mudança pronta para viver seu conto de fadas moderno.

Foi aí que as regras ficaram estipuladas para o bem viver de ambos.

A casa era para ela e o filho morarem, ele continuaria morando com a esposa e viria visitá-la.

Quem a vê hoje, não diz que ela se aproxima dos cinqüenta anos. Bem cuidada, corpo de menina, continua com o filho e trabalhando na profissão.

Sobre ele, Sueli sabe que já teve dois casamentos, com filhos adultos, formados, netos. Ela sabe que é a terceira, a quem ele continua visitando regularmente, pois ainda mora com a esposa. Só não descobriu se é a última.

LIÇÃO DE VIDA

Conheci Juliana há pouco tempo. Gordinha, alegre, simpática, bem falante e tecnologicamente atualizada.

Trabalha para sustento próprio em dois empregos e estuda. Pela manhã faz Magistério, à tarde trabalha em uma escolinha e à noite trabalha como atendente em lanchonete em uma cidade satélite onde reside.

Nos períodos de férias da escolinha trabalha em casa de quem a com trata, temporariamente, para cuidar dos bebês.

Carrega sempre seu celular com tecnologia touchscreen e seu notebook. Quando o tempo permite entra nas redes sociais, o notebook utiliza para entreter as crianças baixando aplicativos e filmes que as crianças adoram.

É muito bem disposta, não é necessário mandá-la fazer nada, pois toma a iniciativa sempre. Dar mamadeira, suco, bolacha, iogurte, frutas, além de trocar fraldas e brincar constantemente.

Seus sonhos: concluir o curso, trabalhar com crianças e adultos que não foram alfabetizados. Quer fazer a faculdade de pedagogia. Adora geografia e se possível dar aula desta disciplina também.

Não a vi reclamar de nada nem de ninguém. Interage bem com as pessoas e é boa observadora.

Ao perguntar-lhe sobre a família fiquei entre penalizada e admirada pela capacidade de resiliência por ela apresentada. A mãe morreu quando ela tinha 10 anos, o pai não conheceu. São cinco irmãos criados juntos sob a supervisão de uma avó que morreu três anos após a mãe e, eventualmente, por uma tia. O irmão que não é o mais velho, de vinte e dois anos é que os criou, preocupou-se em orientá-los, mantê-los unidos. Trabalha e já tem um filho. O menor entrou em uma instituição federal muito bem conceituada para fazer o ensino médio. São unidos e moram juntos.

Não vi amargura, dor, revolta nem no olhar nem nas palavras. Só serenidade, vontade de viver e ser feliz. Intimamente, desejei que seus sonhos sejam todos realizados. Vejo tantas pessoas com péssimo humor, cobrando da vida coisas que não lutaram para conquistar e jogando a culpa de seus fracassos em terceiros que ver alguém com toda essa pureza de coração me encantou. É uma pessoa que não desanima e sabe ser feliz com as coisas que conquista e apesar das dificuldades que se apresentam. Uma lição de otimismo e disposição.

NINHO VAZIO

Ela deitada na rede no alpendre da casa parecia estar em completo relaxamento, gozando as delícias do momento, sem compromisso, sem perturbação aparente. Quem a visse diria estar em sintonia com o ambiente que a cercava. Praia, tranquilidade, brisa suave a soprar no início de outono de temperatura amena. Animais de estimação descansando a seus pés parecendo todos integrados em perfeita harmonia.

Seus pensamentos, entretanto, não condiziam com a aparência, pois as dúvidas a perturbavam. A incerteza era sua companheira. Começava uma nova etapa de sua vida.

Nunca pensou que chegaria tão rápido. Parece que fazia tão pouco tempo que haviam se conhecido, namorado, casado. O ciclo, entretanto já se havia completado. Casamento, filhos pequenos, correria para trabalhar, acompanhar seu crescimento, vivenciar com intensidade todas as etapas da vida de cada um. E, eram quatro. Trabalho e satisfações intensas. Alegrias,

surpresas. Alvoroço de família reunida. Avós ao redor da mesa, risadas, alegrias eternizadas em centenas de fotos espalhadas em inúmeros álbuns em uma ânsia de guardar estes momentos como se assim fazendo durassem para sempre.

As crianças cresceram, os idosos se foram, Outro ciclo começou. Namoro, noivado casamento. A primeira neta. Recomeço com sabor de doçura duplicada. Novos encantamentos. Tudo em ritmo de festa.

A perda dos avós, embora sentida fazia parte de um ciclo natural.

Então, inesperadamente, brutalmente, ela diria o ciclo foi rompido e o filho caçula, com toda vitalidade, teve a vida ceifada. O caos se instalou. Pensou não sobreviver. Sobreviveu.

Embora se sentindo mutilada, seguiu vivendo. Nunca pensou que teria forças para tal. Talvez fruto de sua eterna teimosia. Nunca se deixou abater com as dificuldades. Não via opção senão lutar e ir em frente. Não se deixava vencer.

Quando pensava estar se acomodando a esta nova realidade eis que a vida lhe passa outra rasteira. Agora, o marido sucumbe. A enfermidade vence. Ele junta-se ao filho.

E ela? Qual será seu novo caminho? Como enfrentará o ninho vazio? Terá forças para seguir sozinha? Todas estas indagações povoam seus pensamentos. Tudo passou tão rápido...

Um filme passa em sua mente. Nem parece que se passaram quarenta anos. O ciclo segue avassalador.

BRAÇO FORTE

Madrugada. Ele acorda em sobressalto. Olha no relógio. Não passaram mais de trinta minutos desde que olhara o relógio pela última vez. Tem sido assim nos últimos tempos.

Passa os dias na rua tentando vender algo. Está difícil. Faz anúncios, divulga, de boca a boca, os produtos que tem, quando pensa que irá vender, alguém desiste. Está complicado para todo mundo. O mercado se encolhe.

À noite, tenta se distrair, não pensar nos obstáculos enfrentados durante o dia, mas, não tem como não pensar... Recebe ajuda de familiares. Não consegue se sustentar. Ainda bem que tem uma casa, disposição para trabalhar. Não completou os estudos em tempo hábil, apesar de ter estudado em escola particular. Estudou até o antigo ginásio. Só agora, depois de completar cinquenta e cinco anos fez o exame que o habilitou à conclusão do Ensino Médio. Conseguiu até uma oportunidade para frequentar um curso superior, mas tinha que ter recursos para pagar a outra parte que não era custeada pela bolsa. Então, não foi possível entrar na universidade. Não iria sobrecarregar ainda mais os familiares que já o ajudam pagando suas despesas. Seu filho mora em outra cidade, tem três filhos e algumas dificuldades, também. Enfim, não vê saída. Pessoas com dois cursos superiores, mais novas estão desempregadas. E, ele, com cinquenta e oito anos, sem nenhum, só com a cara e a coragem e, suas experiências pessoais, algumas

bem sucedidas, outras não. Cheio de sonhos que ainda pretende realizar mesmo estando próximo dos sessenta anos.

Em um país que já foi de jovens e que hoje, se encaminha para o envelhecimento, não há lugar para um quase idoso voltar ao mercado de trabalho formal.

A insônia prossegue. Levanta. Abre a janela. Olha para o alto como a procurar ajuda.

"No céu risonho e límpido, resplandece o Cruzeiro do Sul". Anima-se. Sente uma ponta de esperança. Talvez as coisas melhorem. Não fugirá à luta.

O sol de um novo dia logo irá despontar e, com ele a vontade de mudar, de não arrefecer, de encontrar seu lugar no mundo.

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Manhã chuvosa de segunda- feira. Terceiro dia de chuva ininterrupta. Cada um lamentando pelo incômodo causado por tanta chuva. Na realidade, todos pensando nos transtornos pessoais. Carro enguiçado, movimento excessivo, engarrafamento no trânsito, plano de passeio desfeito em função do mau tempo. Ninguém teve ideia de olhar além do próprio umbigo.

Enquanto isso, na periferia da cidade, Julieta acabava de saber onde se encontrava seu marido. Passara todo o final de semana sozinha com os filhos no casebre no qual vivia próximo á ponte que liga o centro a um dos bairros da cidade. O casebre fica à esquerda da ponte, à margem de um canal que quando chove transborda deixando a situação ainda mais caótica.

Ao lembrar-se de sua situação, o estar sozinha significava, apenas, a ausência de um homem adulto, porque na realidade estava acompanhada dos filhos: cinco. Júnior de oito, José de sete, Laurinha de cinco, Maria de três e Sarah de poucos meses.

Sexta-feira era dia que seu marido receberia o dinheiro da semana na obra onde trabalhava de pedreiro. Isso significava que poderiam ter um alimento certo no final de semana. Viviam sempre na incerteza de ter comida certa. Ela não conseguia trabalhar nem de doméstica. Os dois maiores que poderiam olhar pelos menores para ela fazer uma faxina estavam na escola. Os demais eram pequenos e na creche não conseguira lugar. O marido ganhava pouco e em certas ocasiões o dinheiro ficava mais escasso, pois ele parava no bar antes de chegar a casa.

Acreditava que este poderia ter sido um destes finais de semana. Não retornara para casa na sexta. A chuva começou torrencial sexta à noite. Sábado choveu todo o dia. O canal já estava bem cheio. Com a chuva de domingo transbordava. Era lama por toda a volta. Difícil caminhar. Praticamente impossível sair de casa, ainda mais com cinco crianças. Só restava esperar. Foi o que fez todo o final de semana. Alimentou as crianças como foi possível. Sarah mamava no peito, os demais foi alternando com o que restava em casa e com uma sopa bem ralinha que a comadre que morava ao lado lhe ofereceu.

Passou todo o domingo aflita à espera do companheiro. Não sabia se tinha bebido demais e estava caído em algum lugar, se estava em algum hospital ou até preso, pois quando bebia demais se tornava mais valente e falador do que de costume.

Esperou a chuva cessar para tomar providências. Era o que fazia na manhã de segunda quando saiu de casa carregando Sara para ir a um telefone público e ligar para o serviço do marido. Talvez ele tivesse ficado pela obra com tanta chuva que caía desde o entardecer de sexta.

Caminhava com passos inseguros tentando achar um lugar melhor para pisar e não escorregar com a pequena no colo. De olhos baixos não notou o movimento junto ao canal no início da vila. Era carro da polícia militar, civil e mais m furgão do IML. Nada disso ela reparou ao longe, só percebeu ao se aproximar e ver vários conhecidos que pararam de conversar, de fazer conjecturas e a olhavam com ar compungido.

Viu que os homens carregavam um caixão coberto com uma lona que acabavam de colocar no furgão quando ela chegava.

Parou. Perguntou do que se tratava. Não havia percebido a situação, muito menos que a afetava ou que tivesse relação com ela. Foi o silêncio dos vizinhos, o seu ar de espanto e a resposta do funcionário do Instituto Médico Legal que a fez se dar conta da situação.

Ao fazer a pergunta foi que percebeu o quadro à sua volta. Talvez nem desejasse saber a resposta. Foi quando o homem respondeu friamente:

- Um homem afogado!

Ela sentiu as pernas tremerem. Um frio na barriga. Uma dor como se tivesse levado uma punhalada. Paralisou. Lágrimas começaram a escorrer em seu rosto. Permaneceu muda.

Não encontrou palavras nem forças para expressar qualquer reação.

A MULHER DE BRANCO

Em uma cidade bicentenária, famosa por suas casas antigas, seus palacetes, há muitas histórias de tempos de outrora a serem contadas. Estas edificações existem até hoje, ao redor da praça central, próximo à igreja matriz, na zona do porto, onde a cidade se desenvolveu, na zona das charqueadas, próximo ao arroio.

Os primórdios da cidade coincidem com a época da escravatura. A riqueza da cidade provinha das charqueadas. Maior atividade econômica da região.

Muitas histórias são contadas desde aquela época, quando a indústria do charque foi erguida com base no trabalho escravo. Muitos morreram pelas agruras daquela vida. Para os escravos, de extremo sofrimento, pois vinham de regiões quentes para outra extremamente gelada. Trabalhavam descalços, pisando em um solo encharcado de sangue dos animais abatidos e do sal utilizado para salgar a carne a ser comercializada. Contam que muitos criavam feridas incuráveis e que chegavam a perder pedaços dos pés, sem poder caminhar, isto quando não morriam de infecção. Melhorou a situação quando

começaram a usar tamancos, bem mais tarde, por concessão de senhores mais benevolentes.

Muitas histórias o tempo propagou sobre estas almas sofridas. Uma delas é aquela a respeito da mulher de branco que assusta as meninas.

Em um palacete bem central, um prédio de três andares datado de 1800, aproximadamente, conta-se que em dias de festa de gala, quando as meninas estão preparando-se para serem apresentadas à sociedade , esperando em fila para adentrarem ao salão de baile, aparece, lentamente, uma mulher de branco que se junta a elas para participar do baile, para pavor das meninas que disparam e gritam descontroladas.

Há gerações, conta-se esta história da mulher de branco. Dizem que aquele que se atrever a subir ao terceiro andar, em dias comuns, sem ser de festa, a encontrará vagando lentamente fazendo esvoaçarem as saias de seu vestido branco e que se as janelas estiverem abertas será possível enxergá-la da rua a rodopiar em um incessante bailado.

DESTINO

Restaurante, personagem irreal, rua, chuva, relâmpagos, tormenta, medo, táxi, hotel.
Descanso...
Beatriz adormeceu.
Sonhos, lugares conhecidos, verões agradáveis na companhia de amigos.
Formaturas, conquistas.
Viagem à Paris ao lado de Antenor. Alegrias.
Tudo se misturava com brigas diárias, rotina, desejo de fugir.
Não sabia onde se encontrava.
Uma estrada estreita, de barro vermelho surge à sua frente. Encontra-se na zona rural.
Ouve o barulho de água a correr entre as pedras. Mata verde. Ar puro.
Respira profundamente.
Pássaros cantam. Lugar calmo e convidativo.
Salta entre as pedras. Atravessa o arroio. Arrisca-se. Embrenha-se na mata.
Caminha até a exaustão.
Surgem caminhos à sua frente.
Olha para trás. Não dá para retornar. Tem que seguir em frente. Que caminho tomar? Fica em dúvida, como
em toda sua vida.
Sente medo. Este sentimento também é conhecido. - Droga! Tudo igual.
Realidade e Sonho.
Corre, tropeça. Cai.
ACORDA!
Respiração ofegante, suor, novamente o medo. Abandono.

Levanta-se. Vai à janela. A chuva cessou.
O sol retorna tímido.
Sua esperança também.

ENCANTAMENTO

Leninha sempre fora muito medrosa. Não gostava de escuro, de histórias de assombração, de bruxas, nada que de uma forma lhe transmitisse insegurança. Talvez o medo a instigasse a ponto de ficar a pensar constantemente no assunto e, segundo dizem, atrair para si o que, na realidade, não queria.
Certa noite, antes de dormir, deu uma volta no pequeno jardim de sua casa. Nele havia um pinheiro plantado por seu pai, logo que compraram a casa. Ele quando comprado, segundo seu pai dizia devia ter um metro de comprimento; Na realidade, embora o tamanho, ele era novo como ela. Uns dez anos. Só não cresciam na mesma proporção. Sempre que o tempo estava muito úmido, na volta do pinheiro cresciam muitos cogumelos. A região, por natureza é úmida. Azálea, amor perfeito, brincos de princesa, hibisco e hera eram as outras espécies de plantas que existiam ali. Seu pai quando via os cogumelos desejava arrancá-los. Não sabia se tinham algum veneno ou não, o que poderia prejudicar os cães, pequenos e delicados.
Ela sempre dava um jeito de impedir que ele fizesse isso. Achava os cogumelos tão bonitinhos. Pareciam de histórias infantis. Quando sentava embaixo do pinheiro conversava com eles. Perguntava-lhes se eles eram moradias de seres pequeninos, elfos ou duendes não sabia precisar.
Nesta noite fez isso mais uma vez. Tinha muita curiosidade. Lia muito sobre seres encantados, mas nunca vira algum.
Andou pelo jardim, olhou as estrelas, conversou com cada pequena planta e só então foi deitar-se.
Queria deixar a janela aberta, mas a aragem fria da noite não lhe permitiu. Achava que a janela aberta facilitaria a entrada de algum ser. Na verdade, seu pequeno jardim era sua floresta encantada. Para seus pais, pessoas naturalmente distante das coisas mágicas, pois tinham que se preocupar com coisas mais sérias, inclusive zelar pela segurança diziam que o máximo que aconteceria seria um ladrão entrar pela janela aberta.
Conformou-se e foi dormir. Muito aborrecida.
Apagou a luz, puxou as cobertas da cama. Só um facho de luz entrava pelas venezianas da janela do quarto.
Adormeceu.
Um tempo depois sentiu como se a chamassem. Ficou em um misto de sonho e realidade. Virou-se para o outro lado. Seus olhos bateram na ponta da cômoda, exatamente onde o raio de luz batia. Assustou-se. Sentado displicentemente na beira do móvel, um ser inimaginável. Ou melhor, imaginado sim, mas só no mundo da fantasia. E ali era real. Seu quarto, suas coisas e ele ali. Então, era real.

Ele sorria para ela. Sorriso brincalhão. Parecia que já a conhecia e a seus pensamentos também.
Não sabia definir se era um duende, um elfo. Nem sabia muito bem a diferença entre eles. Só sabia que eram protetores da natureza.
Tinha um sapato igual àqueles que via nas histórias, bem comprido com a ponta virada para cima. Era marrom. A calça cinza e o casaco verde. Na cabeça um gorro com a ponta caída. Quando ele se mexia, parecia que mudava de cor. Parecia um arco-íris em sua cabeça. Em outros momentos parece que se transformava em uma estrela.
O que lhe chamou a atenção é que ele sorria muito. Sorria e falava que sabia quem ela era e de como gostava das coisas da natureza. Pediu-lhe que continuasse assim.
Seus cuidados tinham muito valor porque só com o cuidado de todos haveria vida no futuro. Que cabia às pessoas como ela, de coração puro e comprometidas com o bem, espalhar esse sentimento de cuidado e proteção para um número sempre crescente de pessoas.
Leninha comprometeu-se com ele. Mas desejava que ele aparecesse mais vezes.
Ele despediu-se e ela seguiu dormindo.
Ao amanhecer, abriu os olhos, sem se recordar de nada.
Quando se levantou viu um pequeno buquê de flores do campo sobre a cômoda.
Lembrou-se do ocorrido.
Não fora um sonho.

DÚVIDA

Linda conhecera Olavo aos treze anos. Ele tinha vinte e um. Homem alto, forte, origem européia. Pessoa de gênio forte,disciplinado, exigente.
Ela era a mais velha de quatro irmãs, talvez por isso aparentasse mais idade, pela responsabilidade de ajudar a mãe a cuidar das menores.
Naquela época, o namoro era um compromisso sério e tinha que ter o aval dos pais. Existiam regras rígidas para namorar. Só em finais de semana, hora marcada, família na volta. Deixar a menina sozinha com o pretendente era fora de cogitação.
Como ele já tinha emprego, era mais velho, demonstrava responsabilidade, não demorou muito para casarem. Cumpriram os rituais de praxe, isto é, pedido de casamento, noivado. Ela com 16 anos.
Ao homem cabia sempre a última palavra, além, é claro, de ditar todas as normas da casa, como se fosse o comandante de um quartel.
A despeito da rigidez dele, da falta de demonstração pública de afeto, procurava proporcionar conforto e diversão para a família..
Na realidade, para ser imparcial, ela, a esposa demonstrava temor frente a ele e por isso zelava para o fiel cumprimento dos desejos dele. Tinha medo dele se aborrecer. Quando isso acontecia ele se tornava grosseiro na frente de qualquer pessoa. Sequer pensava em questionar as ordens. Tornou-se um fiel capataz do lar, ou ajudante de ordens, se um quartel fosse. Hora de levantar,

de almoçar, estudar, tomar banho, deitar eram cumpridas à risca para aborrecimento dos filhos. Barulho em hora de ele dormir a sesta era sacrilégio. Isso se ela fosse católica. Como não era, tornou-se regra a ser cumprida sem questionamento. Regras que serviam para reafirmar a autoridade de alguém que tinha um papel árduo para desempenhar, considerando a educação que recebera dos pais, vindos de uma região da Europa, castigados pelas agruras passadas.
O amor não aparecia. Ficava sufocado pela autoridade.
Por muito tempo a vida familiar seguiu assim. Ela zelando pelo cumprimento do ordenamento ditado por ele, referentes a casa, os filhos, ao cachorro e aos desejos dele próprio. E do que ela denominava deveres conjugais.
Como ela fora alfabetizada pela mãe, não estudara em escola regular, trabalhar fora não era cogitado por nenhum dos dois, mas em um período de maiores dificuldades ela começou a trabalhar em casa, cortando cabelo de mulheres. Ainda economizava cortando o cabelo do marido e dos filhos. Aprendera o ofício com uma amiga que morava próximo.
A vida seguia em um ritmo cadenciado, sem imprevistos, desvios ou contra-ordens até que ele de dispôs, gentilmente, abnegadamente a ensinar a prima de Linda a dirigir. Uma jovem bonita, solteira, alegre, bem educada, professora e que queria dirigir para ter seu próprio carro.
No início ela até saía junto. Mas com o tempo as aulas passaram a ser mais freqüentes. E ela não podia deixar as clientes, a lida da casa, o cuidado com os meninos que já estavam ficando mocinhos.
Então, os dois, Olavo e a prima Vanda passaram a sair sozinhos para as aulas. Intermináveis aulas. Até que o vulcão que vivia apagado, ou contido pelas regras emanadas do ditador e que ela com o tempo, sem se dar conta, assumira como suas também, em nome da convivência aparentemente harmoniosa, explodiu. E, de uma forma tão intensa que não houve palavra dele que a convencesse de sua inocência e, sobretudo, da inocência da prima a quem considerava uma irmã.
Aí foi a vez de ele calar-se.
As ordens partiam dela. A prima, ela nunca mais visitou, nem permitiu a entrada dela na sua casa. Comunicou às irmãs que teriam que escolher: ou ela, ou a prima. Não haveria lugar para as duas na convivência familiar.
Linda e Vanda jamais se falaram.
Em casa, o assunto morreu ali.

SORTE SELADA

"O Tempo me ensinou a não acreditar demais na morte nem desistir da vida"
Lya Luft

Era uma tarde de sol muito quente. Dava uma lerdeza danada no corpo. Só o que andava rápido e solto era o pensamento. Tudo mais parecia se arrastar.Avida... Os dias todos muito iguais, repetidos, arrepiantes de tão chatos. Novidade... Até esquecera o que era uma novidade.

Já nem sabia por onde andava aquela menina moleca que sonhava com uma vida muito diferente daquela. Queria aprender música, tocar em locais distantes dali, brilhar nos saraus, casar com aquele seu professor de piano e com ele ganhar esse mundão de Deus. Aliás, nem sabia se ela existira realmente. Ou se tendo existido já estava morta.
Não tivera escolha, a pobre. Quando percebera o pai já tinha decidido. Fora escolhida para casar com o primo. Coisas de conveniências, manterem patrimônio, essas idéias práticas, lógica de homem pela qual ela nem se interessava muito.
Sua sorte fora selada tal qual dos bois da fazenda. Uns para corte, outros para a lida. Todos marcados, no couro e no destino. Sentia-se igualzinha a eles. Todo dia fazia a mesma coisa.
E os sonhos?Já nem lembrava se os tivera mesmo. Se eram seus.
Olhava-se no espelho e não se reconhecia. Era o fantasma de si mesmo. Esse fantasma que a aterrorizava e mostrava que a morte dos sonhos era a morte da alma.
Então... morta ela se sentia...
Sentia-se igual a tudo em sua volta. Propriedade alheia. Sem passado, sem presente, sem alma, sem futuro.
Foi, então, que o alarde das crianças lhe tirou do torpor em que se encontrava. Não é que algo estava acontecendo lá fora?
E o que se passou diante de seus olhos gelou o sangue em suas veias, embora o calor reinante lá fora.
Não é que Cabiúna, o boi que ganhara o mundo tinha voltado?
Como pudera ter voltado depois de sentir o gosto da liberdade?De viver sem patrão? De pastar em outras pradarias? De estar livre da canga e do relho?
Será que não sabia mais viver por sua própria conta?Será que precisava que lhe dessem um sentido para sua existência?Será que só tinha vida a serviço do seu dono?
Não tinha vida fora disso?
E o pior estava acontecendo ali. Estavam tirando-lhe o que restava de vida.
Podia o homem ser o Senhor da Vida e da Morte?
Sentiu as lágrimas escorrerem em sua face.
Sentia-se tal qual o boi velho.
Onde estava o sentido de tudo? Na vida? Na morte? Nos dois? Em nenhum dos dois?
Percebeu que o sentido de tudo talvez estivesse nela mesmo. Em reencontrar a vida dentro dela.
Foi preciso um choque para lhe mostrar que tudo dependia dela. No que podia fazer daqui para frente.
Reencontrou o que julgara perdido para sempre.
A esperança...
Não ia esperar para tirarem-lhe o couro também.

MEMÓRIAS

Veridiana é uma mulher de baixa estatura, franzina, comedida nos movimentos e nas palavras. Não é de grandes prosas, roda de amigas,riso solto. Ao contrário. Tudo nela é escasso, comedido, controlado.
É de um tempo em que mulher não se desnuda, não ri alto, não sai sozinha com homem, não desobedece a pai, mãe, marido. Talvez por isso não casou. Não queria só mudar de dono.
Reúne-se com as companheiras de habitação nas refeições, no horário de assistir televisão. Assunto só o habitual. Trivialidades sobre a refeição, o tempo ou o que assistem na televisão.
Não possuem afinidade, não revelam o passado-seus tesouros-, não desvendam intimidades, gostos, preferências. Não se deixam conhecer. Talvez desejem preservar em seu íntimo as lembranças de tempos memoráveis, Outras sequer se reconhecem.
Se fosse revelar suas memórias ,talvez não a compreendessem,poderiam achar que fantasiava ou julgá-la pedante, esnobe ou mentirosa. Também para que serviria contar o passado? Ali naquele local estavam em igualdade de condições. Sem família, sem afetos.
Vivia em seu minúsculo quartinho, com as paredes pintadas de branco, cama muito simples, fino colchão de espuma, um pequeno roupeiro que nem combinava com a cama, um criado-mudo, uma cadeira e uma pequena televisão que ganhara de um sobrinho neto que vinha visitá-la de ano em ano. Sair só quando algumas pessoas de entidades assistenciais vinham de ônibus buscá-las para um evento especial, passeios geralmente proporcionados em épocas festivas, Páscoa, Dia das Mães, Natal.
Gostava de relembrar o passado. Fora feliz. Essas recordações lhe abasteciam nesta época de escassez, e não a deixavam sucumbir nesta vidinha pequena e sem graça.
Vivia no passado, quando os negócios do pai - um curtume-ainda era próspero e lhes proporcionava muito conforto e riqueza. Seu pai era rico, porém sem muita cultura, mas era bom pai, bom esposo. Viviam felizes. A infância, adolescência e juventude foi desfrutada em meio ao conforto e segurança.
A mãe, de família tradicional, era uma pessoa requintada, elegante, culta e de notório poder que lhe era conferido pelo nome de família.
Viviam na zona do porto em um confortável palacete. Recebiam pessoas influentes da cidade, do estado, de outras regiões, e até políticos. Nessas reuniões seu pai costumava conquistar comerciantes indecisos que não resistiam ao bem receber da família.
No verão iam para a chácara que possuíam em Teodósio, onde se deliciava no imenso pomar, na sombra das frondosas figueiras, e no açude. Adorava ver o trem passar cheios de passageiros. Naquela época tudo era Pelotas.
Emancipação sequer ouvira-se falar. Isso é coisa da política mais recente.
Sua mãe a ensinou tocar piano, a ler em nosso idioma e em Francês, a recitar versos, a cantar para alegria dos familiares e visitantes nos pequenos saraus familiares.
Gostava disso. Passavam horas agradáveis reunidos na confortável sala, em reunião íntima, ocasião em que saboreavam as deliciosas guloseimas preparadas pelas mulheres da família- sua mãe, ela, irmã e a avó- sempre

auxiliadas pelas serviçais da casa que as acompanhavam desde que sua mãe era novinha.
Ainda sente o aroma dos licores, o sabor das bolachinhas amanteigadas, dos pastéis se Santa Clara, dos fios de ovos, dos bolos de laranja, chocolate, baunilha, dos doces de figo e pessegadas feitas com as frutas que vinham da chácara.
Há uns anos atrás ainda podia sair e passava em frente ao palacete no qual viveu toda sua vida. Ali estão guardados os melhores anos de sua vida.
Hoje, não anda mais só e nem sabe como ele está.
Quando os negócios de seu pai começaram a ruir e os credores a aumentar foram junto com o palacete, além dos bens materiais, o status, a tranqüilidade, a segurança, o conforto e a alegria. Esta sumiu com perda do pai que não resistiu ao golpe financeiro e

da mãe que no ano seguinte morreu de tuberculose.
A última a abandoná-la, não por vontade própria foi Glorinha que fora criada junto com ela e a irmã, hoje também falecida e cujo filho mora em outra cidade.
Moraram juntas na pequena casa para onde se mudaram. Glorinha ficou enferma, com sequelas de um derrame que a acometeu. Não pode ser aceita onde ela está, asilo este que não aceita enfermos, só pessoas que não tenham perdido a autonomia física ou mental.
Hoje, vive das lembranças de um passado feliz, de uma época de grande esplendor que só uma parcela desta encantadora Princesa viveu e que hoje está envolta nas brumas do tempo.

PENITÊNCIA

Clarinda é uma mulher bonita. Deve ter uns quarenta e poucos anos.
Estatura mediana, corpo bem feito, nem gorda ou magra, curvilínea, cabelos bem curtinhos, pele morena do sol, que ela apanha em sua caminhada diária, por todo lugar, a qualquer hora, geralmente na área central da cidade.
A boca sempre pintada. Único indício de sua vaidade. Anda sempre arrumadinha.
Quem a vê circulando pelas ruas da cidade não imagina que tenha alguma aflição a lhe atormentar a alma. Sua face é tranquila. Talvez possam imaginá-la uma aspirante a atleta em fase de treinamento intenso, pois anda sempre pelo meio da rua. Também pode ser que precise se exercitar bastante por questões de saúde. Na calçada ninguém a vê nunca.
Seu vai-vem diário tem algumas paradas com hora e local certo. Nas igrejas, centrais e em horários de missa.
Chega um pouco mais cedo. Ali ela começa os preparativos.Não são muitos, mas significativos. Mostram respeito na indumentária, devoção na face.
Se está de bermudas, veste uma saia discreta ou uma calça longa. Ali mesmo, na frente do templo..

Antes do início da missa ela coloca um véu branco que lhe cobre a cabeça, desce pelos ombros e cai até o joelho. Segura o véu com as mãos que juntas próximo ao peito completam o visual da Maria que ela carrega dentro de si e expande no olhar em cada reza, canto ou ato penitencial. No ofertório a oferenda é o sofrimento diário para ver se tira de cima dos ombros um pouco da dor que leva consigo desde que sua linda menina de cabelos negros, cheios de cachos que lhe caíam nas costas foi atropelada por um motorista bêbado que subiu na calçada. É ela que Clarinda coloca nos braços da Virgem toda vez que se ajoelha lá na frente do altar e estende os braços fervorosamente.

ELOS

Juvenal tem muitas lembranças da infância. Família grande, pai, mãe e quatro irmãos.
A mãe não trabalhava fora. Era analfabeta, cuidava dos filhos e em épocas que a situação apertava ela trabalhava fazendo faxinas em casa de família. De trabalho regular, só o pai que era vigia de uma grande empresa. Trabalhava 12 horas, usava um bastão, revólver e um relógio que ele utilizava para marcar as voltas que dava em todo quarteirão da empresa. No verão o trabalho não era de todo ruim, principalmente quando fazia o turno do dia. Havia movimento. Podia prosear com um ou outro e o tempo passava mais rápido.
O problema era à noite. Aí o trabalho se tornava muito solitário, além de perigoso. Tinha que fazer a ronda de rua e dentro das salas da empresa. Nestas ocasiões carregava um chaveiro com dezenas de chaves.
Tinha que entrar, revisar, fechar portas. Naquela época não havia alarmes eletrônicos, cercas elétricas.
Cada vez que o pai, Romeu, chegava a casa sentiam um alívio. Isso na ronda noturna, que era sempre alternada. No inverno era um trabalho difícil, não dava nem para tentar ficar mais tempo dentro do local, porque tinha que marcar as voltas realizadas. Depois o chefe conferia se ele tinha feito tudo nos conformes. Era muito cuidadoso com tudo, inclusive o uniforme. Acho que ele se sentia como um policial, alguém com algum poder, pois zelava pelo patrimônio da empresa, carregava arma, tinha chaves e cadeados de lugares que precisavam ser muito bem cuidados, entre eles o cofre onde depositavam todo o dinheiro do dia. Não havia carro forte como agora, assim não era possível depositar o dinheiro ao final do expediente. Isso era feito pelo contador na manhã seguinte. O pior era em final de semana que acumulava o dinheiro de sexta e sábado pela manhã.
Nestas ocasiões ele chegava a sentir calafrios na barriga só de pensar o dinheirão que ficava lá guardado. Com todo aquele dinheiro lá não era de duvidar que alguém tentasse assaltar.
Juvenal recorda as conversas que mantinha com o pai quando ele contava que apesar de não ter estudo não se sentia rebaixado perante as outras pessoas, pois era uma pessoa de confiança, gozava de uma boa reputação na empresa, e zelava pelo patrimônio alheio.

Só que Romeu não sabia que uma turma das imediações cuidava toda a sua rotina. Preparavam um golpe, que ao ser aplicado funcionou como planejaram. Assaltaram o local, levaram uma razoável quantia de dinheiro e por ser gente habilidosa no trato da safadeza, apesar de pegos, envolveram o pobre que para sua defesa só tinha a sua palavra e o histórico de vida, que não serve de muito quando a malandragem é grande. Os ladrões afirmavam que eles agiram de acordo com o vigia, que facilitou a entrada deles .
Apelos alegando a vida pregressa, as condições de pobreza, a falta de condições de pagar advogado não valeram de nada. Romeu ficou preso para investigação por algum tempo. Os demais saíram rápido, pois não precisavam de assistência gratuita.
Romeu perdeu o emprego e a sanidade. Vivia fechado no quarto (depois de sair da triagem onde ficou preso algum tempo). Examinava cadeados que ele pedia para Juvenal trazer, pensando, arquitetando saídas para tentar descobrir como eles tinham roubado, sem violarem portas, cadeados, cercas e não achava solução.
Acabou sendo internado pela família em um hospital psiquiátrico, de onde fugiu e passou a viver nas ruas. Não conseguiram mais encontrá-lo. A mãe –Filomena - teve de trabalhar de doméstica deixando os filhos na creche.
Juvenal que era o mais velho, não pode deixar de lembrar-se do pai, todas as vezes que fecha os cadeados das portas do sanatório, onde hoje trabalha.
Os cadeados que se abriram para seu pai, o mantêm prisioneiro das lembranças.

RELAÇÃO FATAL

Floriano considerava-se uma pessoa afortunada. Conseguira muitas bênçãos na vida. Assim ele se referia às realizações pessoais, afetivas ou profissionais. Nascera em família humilde com muitos filhos e firmes orientações sobre dever, honra, dignidade e respeito. Foi sobre estes pilares que alicerçou sua vida. Casou, teve filhos, educou-os com os mesmos preceitos que lhe foram passados pelos pais.
Era construtor. Orgulhava-se de sua profissão. Com as sólidas bases que edificou sua trajetória de vida também erguia as casas que para ele significam mais do que uma simples moradia, mas a materialização dos sonhos de muitas pessoas, em cujos espaços eram fortificados laços de amor, respeito, solidariedade. Lares onde desejava que as pessoas fossem felizes.
Ele mesmo erguera o seu onde foi possível ver os filhos crescerem com saúde, tornarem-se adultos. Orgulhava-se dos filhos e das profissões escolhidas. As duas filhas professoras, o filho, advogado.
Aos sessenta anos ficara viúvo. Um câncer roubou-lhe a esposa deixando só, após um período de intenso sofrimento. Acreditava que sua vida havia chegado ao fim, que seu ciclo estava completo e nenhuma novidade aconteceria. Com essa convicção seguia sua rotina diária, e como era muito religioso, sempre agradecendo pela vida e por tudo que havia conquistado e até pelos maus momentos, ciente de que a vida apresenta diversas facetas .

Próximo de completar 70 anos conheceu uma pessoa. Uma mulher de 40 anos, solteira. Não lhe havia passado na cabeça a idéia de tornar a casar-se. Com o incentivo de familiares foi procurá-la e em menos de um ano estavam casados No civil e no religioso. Senta-se revigorado. Passou a interessar-se pela vida. Viajavam, tiravam férias no Uruguai a cada final de ano. Visitavam sua filha que morava em outra cidade, passavam temporadas fora de casa.
Passara a ter medo da rotina.
Sentia-se feliz. Todos haviam aprovado sua decisão. Tinham uma relação familiar sólida.
Para ela, que já se julgava condenada à solidão para o resto de sua vida, encontrá-lo tinha sido uma grande sorte. Podia desfrutar de prazeres que sua condição financeira na permitia, pois trabalhava como balconista para sustentar a si e a mãe velha e doente.
Viveram juntos por dez anos. Ela ficou viúva aos cinqüenta, quando o coração octogenário de Floriano não resistiu ao esforço de uma noite de amor.
Ele morreu feliz, ela viveu o resto de sua vida lamentando a falta dele.

AS PRIMAS

Solange e Betina eram primas. Pelo lado paterno.
Isso significa, pelo menos neste caso, que ambas se encontravam só na casa dos avós, esporadicamente, em dias de aniversário. Solange vivia com a mãe que trabalhava em um hospital e a avó materna. Não tinha irmãos. Os pais eram separados. Betina vivia com os pais e irmãos. A mãe não trabalhava fora e estava sempre cuidando dos três. Por ser a mais velha tinha a tarefa de cuidar dos irmãos menores.
O pai era muito rígido. Essa era a imagem que a mãe passava. Nada podia desagradá-lo.
Solange era uma morena linda com pele em tom de mel recém colhido, translúcido, brilhoso. Os olhos de um verde mar capaz de afogar quem neles se jogasse. Talvez por não ter consciência da própria beleza ela se tornasse ainda mais encantadora. Não era daquelas meninas bobas, metidas que se achavam a maioral. Era simples, alegre, comunicativa. Às vezes se encontravam na rua, em outras Solange passava na frente da casa de Betina. Sempre trocavam algumas palavras, por mais rápidas que fossem. A simpatia era mútua.. Mas não andavam juntas. Nem se visitavam.
A diferença de idade devia ser de uns três anos . Solange era mais velha. Talvez por influência materna foi trabalhar mais cedo e estudar de noite.Mal sabia ela que ali começaria sua desgraça.
Faceira, agora poderia além de custear o estudo ,comprar algumas coisas que toda moça cobiçava para se enfeitar, passear, ir ao cinema, pois as opções não eram muitas não.
Não demorou para Solange chamar a atenção dos rapazes. Se fosse só de rapazes solteiros, descompromissados não teria problema algum. Estariam em pé de igualdade, jovens, inexperientes, sem manhas e sem ardis.

O pior é que Solange chamou a atenção do patrão. Mais velho, casado, com filhos, bem estabelecido, conhecido na cidade.Mas se só ele tivesse ficado enfeitiçado seria menos perigoso.
Ela também provou da poção mágica e ficou enfeitiçada.
Tanto que ele montou um apartamento para ela morar.
A mãe que vivia em situação idêntica na pode cobrar outra atitude.
A família do pai, logo passou a falar que a menina tinha se perdido. Coisa inconcebível. Não falavam às claras. Era tudo em meio tom, meias palavras, à boca pequena para não espalhar o que já era notório, pois isso era pela influência materna. Só podia ser. Coisa ruim sempre é de parte do outro.
Mas Solange apesar de apaixonada era lúcida e sabia que daquela situação não poderia esperar um desfecho satisfatório. Ou, percebeu que o amor não passara de um arrebatamento de jovem e que não era coisa para vida toda, afinal estava só começando a descobrir o mundo, as sensações. Refletiu. Era só explicar que tudo estava acabado, ele continuaria sua vida com sua família e ela seguiria a dela.
Iria estudar e trabalhar em outro local. Não se veriam mais e pronto. Tudo ficaria solucionado.
Iria dizer isso para ele na manhã seguinte. Iria embora e seria o fim de tudo.
E foi o fim, quando a vizinhança escutou os sucessivos estampidos dos tiros.
Solange ficou ali.

Betina jamais esqueceu a prima**.**

OLHA O TREM

Mais um dia estava começando. Uma jornada de trabalho findando. Estava cansado. A noite fora longa.
Maio é um mês que o frio e a umidade da região já começam a formar denso nevoeiro. Não gosto de nevoeiro. Encobre tudo ao redor. O céu, as estrelas, a lua e até os pensamentos.
O cérebro parece que esvazia, o barulho da máquina vai tomando conta e nos hipnotizando. Aí complica. Não dá para dormir.
Como deixar 40 vagões carregadinhos de cimento, madeira, cerâmica, mais os tanques de combustível ser guiado por um quase moribundo? Era assim que me sentia quando o sono chegava e não podia deixar que ele se instalasse.
Sempre fui um bom maquinista. Atento, pulso firme, responsável, cordial com os colegas na companhia. Afinal, era um bom emprego. Federal, com regalias, boa aposentadoria. E ela já se aproximava. Contava os meses que faltavam para chegar e ser a companheira de lazer, nas pescarias, nas viagens sem preocupações para o resto da vida.
Estes pensamentos até me deixava mais esperto, apesar da sonolência que permanecia.
Já estava próximo da penúltima estação. Mais um cruzamento e já estaria lá.
No tempo dos passageiros ali pegava muitos estudantes que iam estudar na cidade. Levantavam muito cedo os coitadinhos. Tinha até criança de seus 13

anos que iam até a estação em Pelotas e depois caminhavam até o colégio em diferentes pontos da cidade.
Atualmente, o que ocorria, de vez em quando, embora fosse proibido, era dar uma carona para alguém conhecido que se empoleirava junto na cabine. Hoje, para tirar o sono, bem podia ter sido um desses dias.
O trem estava se aproximando da casa de pedra junto aos trilhos, bem no cruzamento. Ali estava ela.
O apito! Devia ter apitado antes. Não podia vacilar. Está certo, era cedo. Não havia movimento no cruzamento esta hora, mas o sinal é obrigatório.
As árvores nas proximidades dos trilhos atrapalham a visão dos que passam naquele ponto.
Gostava de cumprir à risca as regras de segurança. Devia apitar bem antes para sinalizar que se aproximava. Na próxima jornada tomaria mais cuidado. Iria levar mais café. Um rádio de pilha, embora gostasse do papo interior desenvolvido na cadência do trem. Era como se a máquina colocasse seus pensamentos no rumo certo. Nos trilhos, como se costuma falar.
Desta vez, porém foi diferente. Os pensamentos saíram dos trilhos.
Só foi possível perceber quando arrastava metros à frente, o carro que não ouviu o apito do trem e atravessou os trilhos...

Micro contos
Colar de Contos

Revelação

Descia as escadas quando ouviu os gritos:- O filho não é seu.
Sentou-se no degrau e chorou.

Espera Inútil

Mais de uma hora à espera no altar. Já deveriam estar casados.
Por quê?

Vingança

Os dois cães dormiam juntinhos na calçada. Raivoso chutou-os.
A cadela que o abandonou não saía de sua cabeça.

Traição

Ao gozo seguiu-se a culpa. Perdera a hora do jantar com a família.

Final Inesperado.

O laudo balançava pela tremura incontrolável das mãos. Tudo girava à sua volta.
Atravessou sem olhar o sinal que se abrira. Papéis voavam ao vento.

Desenlace.

Trinta anos. Uma vida inteira. Quanto tempo permaneceu ali parada desde o momento que ele bateu a porta?

Redes

Fechou o computador.
Arrumou-se apressada. Finalmente, rendeu-se à modernidade.

Mudança

Após quarenta anos, não conhecia mais aquela com quem dividia a cama. Não sabia precisar a data de sua morte.

Doçura.

Ele a alimentava tão delicadamente que lembrava os passarinhos no ninho.

Juventude

Ao completar 70 anos, começava sua lua de mel.

Sentença

Nada tinha a esperar da vida. Acabara de ingressar na penitenciária.

Sorte Selada

Viu tirarem o couro do boi. Não iria esperar tirarem o seu também.

Morte Súbita

Um grito de gol. Sua derradeira explosão de alegria.

Com o pé no céu
Rodopiou no salão horas a fio. Nem percebeu quando voou leve ao som da música.

Juras

Felizes juraram amor eterno. Quando o baile terminou cada um seguiu seu rumo. Pena que não sabia nem o seu nome.

Pacto

Vivia há tanto tempo ali que já conhecia seus hábitos. Era amiga, confiável e determinada. Só aparecia quando eu dormia.

Caça

Ontem, deitado na cama do hospital, sentiu-se como a capivara que acertou décadas atrás.

Romance

A noite era cheia de expectativas.
Deitou.
Ele virou para o lado.
Emocionou-se ao ver o dia clarear.

Carinho

Dormia. Sentiu um afago diferente. Abriu os olhos.Era o cão a lamber seu rosto.

Cotidiano

Ele sorvia as emoções do dia. Assistia televisão.
No quarto, ela arrumava as malas.

Aviso

Latidos no meio da noite. Levantou. Na piscina o gato boiava.

Flagrante

Sentou-se apressada no restaurante. Levantou os olhos. O casal à sua frente a olhava atemorizado.

Cenário

A lareira acesa, o vinho, a música, Cenário pronto.
O dia amanheceu. Ela dormia no sofá. Cenário intacto.

Sumiço

Ambos liam sentados debaixo do guarda-sol. De repente, só a bola estava jogada na beira da praia.

Impulso

Distraída no carona do carro, virou-se instintivamente. Lá estava ele na calçada. Era como se nunca tivessem se separado.

Caçada

Os cães dormiam à sombra. O gato silencioso descia pelo muro.
O pássaro distraído comia a ração.

Mudança

A campainha tocou. A mudança iria começar.O cão disparou escada abaixo.
Freada brusca na rua. O cão repousa no jardim da casa nova.

Espaço eternamente vago

Quando pequenos contava quatro cabecinhas na beira da praia.
Ao crescerem só dormia depois que as quatro camas estavam ocupadas.
Agora só três camas serão ocupadas.
Passou a não dormir mais.

Teias

No silêncio da noite, só o barulho das agulhas a tricotar.

Caminho sem volta

No tapete, a marca da trilha percorrida da cama vazia até a porta de entrada.

Altar

Uma foto, a vela acesa, as flores e a oração.

Recomeço
Achava-se um ser de muito conhecimento. Perdeu mulher, filhos, emprego. Quase aos sessenta anos entrou para a universidade.

Último suspiro

Permaneceu enfermo por vários dias no hospital. Esposa, filhos homens à volta. Após receber a visita da afilhada, sua princesa encantada, descansou para sempre.

Colheita

Passou a vida sem compromisso. Abandonou a família. Trocava de mulher sem pensar se lhes causava mal. Hoje nem os netos conhece.

Eterna guardiã

Cuidei dela desde que me foi entregue. Cuidei seus filhos, tratei-a na enfermidade até o fim. Hoje cuido do jardim onde ela repousa em minha casa.

Mãe postiça

Os filhos cresceram. Eram quatro. Hoje além dos netos ela tem quatro bebês. Dois pretos, um baio e um peludo.

Desventura

Juntava lixo na rua. Consumia crack. O bebê nasceu morto.

Em causa própria

Estava preso há oito anos, Preparava-Se para ir receber seu diploma na solenidade de formatura

Julgamento

Todos o chamam de solitário. Ele não entende o porquê. Vive cercado de cães, flores, borboletas e pássaros com quem conversa.

Perda

Ele recebia alimento em quase todas as casas da rua, Ficava um pouco em cada uma. Carente, fiel, amigo. Um desvairado passou na rua a centro e quarenta por hora.

Tragédia Anunciada

O frio fez ele se exceder na bebida. A chuva o atrapalhava para enxergar o semáforo e o trânsito intenso. Nem percebeu o carro que vinha em alta velocidade.

Órfã

Abriu o jornal e emudeceu. Aquele a quem deveria pedir perdão estava morto sem que ela tivesse tempo de procurá-lo.

Visita

Uma noite quase perfeita, pouca para matar tanta saudade. Quando acordou viu a cama vazia, uma luminosidade e inúmeros pontos de luz em seu quarto.

Decepção

Criou dois filhos sozinha. Dois filhos não foram suficientes para cuidar dela. Colocaram–na em uma clínica geriátrica. Durou seis meses.As cinzas... Jogadas no rio.

Ingratidão

Ela dedicou a vida para a única filha dando a melhor educação possível.
Hoje não sabe para onde fugiu com o namorado drogado.

Temor

Todo dia a hora mais importante era aquela que ele chegava e se aninhava em seus braços após o jantar e ali ficavam num doce enlevo que supria todos os dissabores.
Neste dia, ele ainda não chegou e ela não sabia o que pensar.

Surpresa

Ele era encantador, gentil e a amava. Pelo menos era o que ela pensava até ela abandoná-la por um colega de trabalho.

Dependência

Ela sempre foi independente financeiramente, trabalhava desde cedo. Era bonita, inteligente, e chamava a atenção por seus atributos, enquanto sentada. Ao levantar e pegar a muleta sentia-se a mais horrenda das criaturas.

Inércia

Ela o havia mandado embora no calor da discussão. Não pensou que ele aceitasse a idéia tão rapidamente, Ainda não acreditava. Permanecia parada desde que ele saiu com a mala e fechou a porta atrás de si. Não sabia há quanto tempo estava ali.
Parte inferior do formulário

Discriminação

Ela trabalhou durante vinte e seis anos, Perdeu o emprego, Não conseguiu outro por estar próximo dos cinquenta anos.
50 Tentativa
Ele estava só. Ao abrir o computador para trabalhar viu o sinal verde no nome dela. Sabia que ela era comprometida, mas a sua solidão era tanta que não resistiu e a chamou...

Estranho encontro

Era domingo e resolveram almoçar no restaurante para reunir a família. A mãe registrava fotos do caçula e postava na rede social entre uma garfada e outra, A filha adolescente dialogava com o namorado pelo aplicativo do celular. O pai... Este, apenas olhava, com certo ar de frustração.

Realidade
Ele fez de tudo para se eleger vereador na cidade. Renovação era seu lema. Perdeu.
Arrumou emprego em uma secretaria na nova gestão.
Em estado de choque
Enquanto ela aguardava a vez no atendimento, ele saia em cadeira de rodas sem cumprimentar ninguém, Antipático, pensava, até descobrir que ele havia perdido a fala devido a uma enfermidade.

Noite de sábado

Cada filho tomando conta de sua vida. Ela vendo na televisão a vida acontecer.

Ingratidão

Casal e três filhos. Ele, sapateiro, ela dona de casa. Os filhos cresceram e cada um foi para uma localidade. Ele faleceu, a casa foi vendida. Ela fez o que foi possível com o que lhe sobrou. Um dia foi encontrada morando na rua.

Decisão

Brigou com os pais e saiu de casa. Um mês foi o tempo que ficou em casa da amiga.
Agora só tinha duas opções. Voltar ou cair na rua.
Pegou a bolsa e foi para a estrada pedir carona.

Bipolaridade
Era jovem, bonito, carente. Sentia-se incompreendido. A bipolaridade o afastava fazendo as pessoas que o amavam sofrer. Não aguentou um revés no trabalho. Pediu socorro e não foi auxiliado por não o entenderem. Parou de sofrer. Enforcou-se.

Arma de brinquedo, vida de verdade

Chegou em casa, tirou a máscara, soltou a arma de brinquedo, contou os trocados e foi beijar o filho que dormia.

Poemas

Ao pai de meus filhos

Meu querido
Durante quarenta e um anos estivemos juntos
Por trinta e seis comemoramos
Nossas respectivas datas: aniversário,
Dia das mães, dia dos pais, bodas e,
Outras datas festivas.
Este ano foste para junto do Pai Maior.
Uma perda dolorida, porém sem amargura.
Amamos-nos muito e, por este amor
Não gostaria de te ver sofrer mais
Embora desejasse que estivesses
Sempre junto de mim.
Foste um pai maravilhoso.
Amoroso, dedicado, leal,
Exemplo de fidelidade e honestidade.
Deixaste um rastro de luz imenso
Com teu exemplo de vida
Orgulho para todos nós.
Estarás sempre presente
Em nossos corações e,
Nas doces recordações dos momentos vividos.
Onde estiveres nosso amor te acompanhará.

Inverno

Desde que te conheci,
Apesar do frio lá fora,
Meus invernos foram aconchegantes,
Pela tua presença,
Pelo calor de tu corpo junto ao meu.
Vivemos muito juntos,
Companheiros inseparáveis,
Nas tristezas e nas alegrias.
Teu bom humor,
Tuas brincadeiras arrancavam sorrisos.
Sentirei falta do vinho, do chocolate,
Dos sonhos das pipocas e do quentão.
Dos jantares e almoços
Que inventavas para a família

Para todos ficarem juntos,
Aquecidos pela companhia amorosa
Esta primeira noite,
Deste primeiro inverno
Sem tua companhia, teu amor,
Foi gélida e solitária na cama vazia.
A chuva fazia dupla com as lágrimas
Que bailavam ao som do vento forte
Que soprava lá fora açoitando meu coração
Que bate no compasso
De nossas mais doces recordações.

Ausência Contundente

Desde que te encontrei
Teus olhos m encantaram
Pelo brilho, intensidade e sinceridade.
Depois, teu modo simples
De viver e se relacionar.
Paciência calma e tolerância
Eram tuas marcas pessoais.
Eras alguém que a todos conquistavas
Pela confiança que passavas,
Pela humildade que te adornavas,
Pela amizade que ofertavas, gratuitamente,
Pela sabedoria que emanavas.
Em casa, marido, pai, avô dedicado
A todos procurando ajudar e unir.
Por todas essas características
Difícil viver sem tua companhia,
Sem tua mão amiga a me orientar
Sem teu amor para enriquecer meus dias.

Saudade de meu amor

Mudamos de estação.
Chega a primavera com suas flores.
Lembro-me de teu nascimento
E, da alegria de uma nova vida,
No seio de nossa família.
Cores, alegria, brisa de primavera
Lembram sorrisos de felicidade.
Brisa suave para embalar sono de criança,
Perfume para lembrar cheiro de bebê
Que ativam meus sentidos e,
A saudade se intensifica.

Saudade de chorinho de nenê
Que é música celestial para ouvidos maternos,
Toque de mãos com a suavidade de pétalas de rosa,
Balbuciar de primeiros sons
Que fazem lembrar sopro divino
Mostrando a fragilidade da vida.
A saudade toma conta de meu coração.
Sorrio diante das mais ternas lembranças
Que provam que permaneces em mim
Apesar da distância das dimensões
Que temporariamente nos separam.

Um sorriso desarma

O sorriso é a porta de acesso à alma.
Derruba barreiras intransponíveis
Criadas pela intransigência e incompreensão.
Sorrir é dar as boas vindas sem palavras.

A criança sorri inocente e natural
Conquista, enleva, cativa
Anula qualquer mau humor
Cria alegria ao seu redor.

Um sorriso estabelece uma conexão afável
Entre dois seres que se encontram
Podem ser conhecidos ou estranhos
Assim iniciam muitos relacionamentos.

Ao enfermo muitas vezes basta um sorriso,
A criança machucada quer um sorriso e um afago
O idoso entristecido o que mais deseja é um sorriso
De acolhimento, gratidão ou carinho.

O estranho não se sente assim
Ao ser recebido com um sorriso
Pelas pessoas que o recebem
Ao adentrar um ambiente.

Quem trabalha com pessoas
Em ambientes de tensão
O melhor presente que pode ofertar
É um sorriso de compreensão.

Sorriso não é bem material

Sorriso não é remédio
Mas é o bálsamo mais desejado
Por todos que estão angustiados.

Quem desejar viver em paz e harmonia
Não aceite uma provocação, não retruque
Nem use palavras ásperas.
Coloque seu melhor e mais lindo sorriso no rosto.

O Beijo

A novel mamãe beija o bebê
Com toda doçura contida
Em seu ser, após nove meses
De gestação deste ser tão importante.

As crianças pequenas
Quando se descobrem como ser
Interagem com os demais
E se beijam com a maior inocência.

Os adolescentes sonham encantados
Em encontrar seu amor perfeito
E com o par trocarem o primeiro beijo
O abre- alas de um encantamento sem fim.

Os enamorados jovens, adultos
Beijam com o maior ardor
É o símbolo mais evidente
Do enorme sentimento que os une.

Na idade madura, decorrida uma vida
Os eternos enamorados se beijam com ternura.
O beijo é o símbolo de todos os sentimentos
E etapas vivenciadas em comunhão.

Há beijos de amor romântico
Beijo de amizade e carinho e de paixão
Há beijo de várias intensidades.
O beijo é o selo de um sentimento nobre.

Beijo é transmissão de calor
De afeto, de respeito, de fraternidade.
Beijo é despedida de quem parte
Beijo é marca de amor.